

LUÍS OTÁVIO PEREIRA NICODEMOS

NARCISISMO, NEOLIBERALISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS:
O BRASIL POLÍTICO PÓS 2013

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2018

LUÍS OTÁVIO PEREIRA NICODEMOS

NARCISISMO, NEOLIBERALISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS:
O BRASIL POLÍTICO PÓS 2013

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: Fundamentos Teóricos e Filosóficos da Psicologia

Orientador: Júlio Eduardo de Castro

Coorientador: Pedro Sobrino Laureano

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2018

RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem como enfoque a já antiga tradição de interseção da psicanálise com outros campos do conhecimento, como as teorias sociais e políticas e tem como objetivo verificar as contribuições possíveis da psicanálise para entender melhor o fenômeno da agressividade dentro da intolerância política que se espalha cada vez mais pelo Brasil, sobretudo no período pós 2013 até 2017.

Desse modo, partimos de conceitos da metapsicologia psicanalítica de obras clássicas de autores referência, como Freud e Jacques Lacan, como por exemplo *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010), *O Mal-estar na Civilização* (Freud, 1930/2010), *Psicologia das massas e análise do Eu* (Freud, 1922/2011), *Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu* (Lacan, 1949/1998) e *Agressividade em Psicanálise* (Lacan, 1948/1998), entre outros.

Longe de desconsiderar as coordenadas simbólicas que afetam as nossas formas de subjetivação, procuramos levar em conta não só a dinâmica do psiquismo individual e do grupo, mas também o contexto e as influências culturais do momento histórico em que é baseado o trabalho, como a racionalidade do capitalismo neoliberal.

Psicanálise – Política – Agressividade – Grupo - Brasil

ABSTRACT

This master's degree dissertation is focused in the already ancient tradition of psychoanalysis intersections with other fields, such as social theories and politics, and has the goal to verify the possible psychoanalysis contributions regarding the phenomenon of aggressiveness in the political intolerance which has spread more and more across Brazil, especially in the time course of post 2013 until 2017.

In this way, we start from conceptions of psychoanalytic metapsychology in works of classical reference authors, such as Freud and Jacques Lacan, like *On Narcissism: an Introduction* (Freud, 1914), *Civilization and Its Discontents* (Freud, 1930), *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (Freud, 1922), *The Mirror Stage as Formative of the Function of the I* (Lacan, 1949/1998), *Aggressivity in Psychoanalysis* (Lacan, 1948), among others.

Far from disregarding the symbolical coordinates which affects our ways of subjectivity, we seek to take into account not only the dynamics of the individual and the group psyche's, but also the context and cultural influences of the historical moment on which this work is based such as the rationality of neoliberal capitalism.

Psychoanalysis – Politics - Aggressiveness – Group - Brazil

Agradecimentos

Ao professor e orientador Júlio que sempre me recebeu com generosidade e compreensão em meio a todas as dificuldades desse período e foi peça essencial na construção dessa dissertação.

Ao professor e coorientador Pedro, por toda ajuda, compreensão e pela prontidão em sempre dar apontamentos fundamentais nesse período de aprendizado.

Ao professor Camilo por toda compreensão, por ter aceitado prontamente o convite para compor a mesa de qualificação e defesa e os apontamentos importantes que possibilitaram avançar com a teoria psicanalítica na pesquisa.

Ao professor Jorge pela prontidão em aceitar o convite para as bancas de qualificação e defesa e por oferecer um olhar diferente do escopo psicanalítico.

Ao amigo Rodrigo Santos por todo apoio e discussões frutíferas em relação a construção dessa pesquisa.

Aos meus amigos irmãos Cíntia, Lucas, Henrique, e Michel que foram sempre um grande suporte e tornaram a vida mais palatável durante todo o período difícil que foram esses últimos anos.

Ao meu amigo Rodrigo Meireles que me deu um empurrão final na hora mais necessária durante toda a pesquisa.

A todos do programa de mestrado da UFSJ pelo suporte e a todos os professores do NUPEP que foram e são partes fundamentais da minha formação profissional, especialmente o professor Fuad, com quem o tempo de trabalho na disciplina de psicodiagnóstico foi essencial no meu crescimento.

A todos meus amigos pelo apoio constante e fundamental.

Aos meus pais e meus irmãos, a minha base e razão de continuar tentando em meio a tudo que a vida nos coloca à prova.

Em especial à minha mãe, que pôde me ver começando essa trajetória, mas infelizmente não pôde me ver termina-la.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. Capítulo 1 – O eu e suas relações na teoria psicanalítica	14
1.1 O conceito de Narcisismo e a formação do eu.....	14
1.2 As pulsões e seus atributos.....	18
1.3 A psicologia das massas e sua relação com o eu.....	22
1.4 O Mal-Estar na civilização e a Pulsão de Morte.....	27
1.5 Lacan: Identificação e Agressividade.....	32
2. Capítulo 2 – Contextualização histórica do período abordado.....	37
2.1. Alguns contextos e antecedentes históricos.....	40
2.1.1. As manifestações que tomaram as ruas em 2011.....	44
2.2. Breve panorama histórico-social do período estudado: 2013 – 2017 no Brasil.....	47
3. Capítulo 3 – Articulações da psicanálise e sociedade.....	54
3.1. Indivíduo e sociedade: algumas tensões.....	54
3.2. A “imaginarização” na via política e suas consequências.....	57
4. Considerações finais.....	63
Referências.....	66
Referências online.....	69

Introdução

A psicanálise se constitui como um vasto campo de problemas, tendo construído grande parte de sua história através da clínica, a partir da qual Freud formulou, ao longo dos seus mais de 30 anos de prática, as bases de seu pensamento. Como tal, ela envolve desde uma rica arquitetura conceitual até um conjunto de técnicas de tratamento do sofrimento psíquico, tendo como esfera privilegiada a clínica.

No entanto, destaca-se que a psicanálise não se restringe apenas ao campo clínico. Ela tem como intuito também, analisar as relações sociais e seus paradigmas. Nessa direção, podemos citar os esforços do próprio Freud que, em trabalhos como *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1922/2011) ou o *Mal-Estar na Civilização* (1930/2010), trabalha a fundo a relação entre os processos psíquicos do indivíduo e o campo da sociedade.

Como exemplos atuais da psicanálise como teoria do campo político e social, seja ela na formação de conceitos ou na crítica de modelos vigentes, citamos aqui alguns trabalhos do esloveno Slavoj Žižek, *Violência policial e violência divina* (2015a); *Pensar o Atentado ao Charlie Hebdo* (2015b). Pode-se ilustrar essa tradição de pensamento também com o que tem sido feito no Brasil, a exemplo dos trabalhos de Dunker, *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma* (2015a); *A alma revolucionária* (2015b), ou Safatle, em *Pensamento Binário* (2015). É, portanto, tendo essa referência dentro da psicanálise que essa pesquisa se constrói. Aqui, especificamente, abordaremos a questão da agressividade e as manifestações de violência pautadas entre indivíduos e grupos distintos no contexto político brasileiro, principalmente durante o período de 2013 a 2017.

Há apenas alguns anos, as eleições presidenciais de 2014 colocaram em evidência questões que se relacionam a agressividade, que até então se mostravam de forma mais velada. Estas questões podem ser mais bem delimitadas através de informações que foram veiculadas, entre outros meios, pela mídia online. O site UOL¹ publicou uma notícia onde apontava o grande aumento no número de crimes de ódio nas redes sociais. De acordo com o texto houve um aumento de 1800% das denúncias para esse tipo de crime no período eleitoral de 1º de julho a seis de outubro de 2014 em comparação com o mesmo período,

¹ Uol (2014). *Crimes de ódio em redes sociais disparam durante período eleitoral*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1530211-crimes-de-odio-em-redes-sociais-disparam-no-periodo-eleitoral.shtml>>. Data de acesso: 13/08/2017.

sem eleições, do ano anterior. O conteúdo das páginas denunciadas era variado: racismo; homofobia, intolerância religiosa e xenofobia.

Devemos citar também as posições de liderança que o Brasil ocupa nos rankings de crimes contra as minorias. Segundo a Associação Internacional de Gays e Lésbicas (*International Lesbian and Gay Association* [ILGA]), o Brasil foi responsável por 44% das mortes LGBT do mundo em 2013. Além disso, uma matéria publicada no Estado de Minas em 2014 descreve que a ONG *internacional Transgender Europe* mostra em seus dados que o Brasil também lidera o ranking de assassinato contra os transexuais.²

Pode-se citar ainda a ascensão dos partidos e políticos de direita que na última eleição, segundo notícia publicada no jornal Estadão em 2014, elegeram o congresso mais conservador desde o início do período ditatorial em 1964.³

Outro exemplo que podemos destacar foram os protestos e consequente cancelamento da mostra de arte chamada *Queer Museu* em Porto Alegre, mesmo o ministério público do estado tendo atestado que não havia problema algum com a mostra, apesar dos grupos conservadores enxergarem o contrário.⁴

Tais considerações colocam o Brasil num patamar desconfortável: o de um país altamente intolerante, onde a diferença passa a ser vista, cada vez mais, como algo a ser atacado e, eventualmente, destruído. Nessas condições, destaca-se a agressividade como um elemento que tem circulado com grande intensidade no Brasil atualmente.⁵

Assim, e reconhecendo, com e partir da obra freudiana, que essas formas hostis de expressão são característica de uma das tendências inatas de todos aqueles que vivem em civilização, que a psicanálise pode servir como uma chave de leitura privilegiada para discutir esse problema.

Conhecendo, desde o início de seus trabalhos, que o psiquismo humano é constituído em torno de um conflito fundamental entre forças antagônicas, Freud foi se

²Estado de Minas. (2014). Brasil amarga o preço da intolerância e lidera ranking de violência contra homossexuais <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional.571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contra-homossexuais.shtml>.

Data de acesso: 17/08/2017.

³ Estadão. (2014). Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. Disponível em <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>. Data de acesso: 17/08/2017.

⁴El País (2017). O Discurso de ódio que está matando o Brasil

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/18/actualidad/1511039404_742600.html

Data de acesso: 25/04/2018

⁵ O Globo. (2016). Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa

<http://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017> Data de acesso: 17/08/2017.

deparando cada vez mais com tendências eminentemente agressivas. Nas palavras de Laplanche e Pontalis (2004), a evolução das ideias de Freud, daquilo que ficou conhecido como a primeira dualidade pulsional (pulsões sexuais *versus* pulsões do eu) para a concepção de pulsão de morte, atravessa invariavelmente a dimensão da agressividade.

Essa ideia é trabalhada de diferentes maneiras e Freud desenvolve, ao longo de sua obra, que a civilização lança mão de dispositivos que levam cada indivíduo a renúncia de suas tendências mais primitivas. Isso pelo fato de que tais tendências, nomeadas na segunda tópica de pulsões de vida e pulsões de morte, levariam a civilização a uma autodestruição, caso exercidas de forma desenfreada. Assim, há uma tensão fundamental entre as pulsões, que visam à satisfação direta, e a cultura, que necessita da renúncia dessas pulsões para sua própria existência. Como meios de satisfação de ambas as exigências - pulsionais e culturais -, Freud dá como exemplo os sonhos, os sintomas, e a sublimação (Freud, 1930/2010).

Porém, reconhecendo essa dinâmica como algo marcante da relação entre o indivíduo e a cultura, cabe destacar que o controle dessas tendências por vezes não se dá de modo efetiva. Essa falha pode resultar em momentos de violência extrema dentro da convivência dita civilizada pela sociedade. Esse aspecto do psiquismo humano resultou na famosa troca de cartas entre Einstein e Freud, na qual o renomado físico pergunta a Freud se haveria alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra. Tendo o mundo acabado de presenciar e sofrer a Primeira Guerra Mundial e estar na iminência da ocorrência de outra, a sociedade se perguntava de como o ser humano pós-iluminista e racional era capaz de tanta violência, a ponto de ser uma preocupação mundial a procura de mecanismos educacionais, políticos e jurídicos que pudessem inibir tais acontecimentos (Monteiro, 2002).

Em sua carta, Einstein já havia comentado a ideia de uma agressividade inerente ao homem que se manifesta em diversos momentos além da guerra, como na intolerância religiosa ou no preconceito:

até aqui somente falei das guerras entre nações, aquelas que se conhecem como conflitos internacionais. Estou, porém, bem consciente de que a pulsão agressiva opera sob outras formas e em outras circunstâncias. Penso nas guerras civis, por exemplo, devidas à intolerância religiosa, em tempos precedentes, hoje em dia, contudo, devidas a fatores sociais; ademais, também nas perseguições a minorias raciais. (Einstein *in* Freud, 1933/1996).

Tal ideia já antecipava a carta resposta de Freud no que diz respeito às pulsões e na sua relação com as manifestações agressivas.

Para Freud, essa dimensão da agressividade é inerente ao ser humano civilizado. Para ele, por mais que a sociedade disponha de mecanismos para a repressão dessas tendências, a pulsão sempre acaba por encontrar vias de se satisfazer: *Em princípio, portanto, conflitos de interesse entre os homens se resolvem mediante o emprego da violência. Assim é em todo o reino animal, do qual o ser humano não tem como se excluir* (Freud, pág. 419, 1933/2010).

Jacques Lacan, dando continuidade à teoria psicanalítica no seu primeiro ensino, ainda no período do imaginário, construiu textos que abordam também essa questão como *Agressividade em Psicanálise* (1948/1998) e *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia* (1950/1998). Nesses escritos, Lacan pensa a questão da agressividade a partir da identificação como apontado no texto *Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu* (1949/1998).

Dessa forma, dada a atualidade da temática da agressividade na intolerância política no Brasil, partiremos de elementos da psicanálise na problematização e no esforço de lançar luz sobre essa questão. Para tal, a psicanálise será tomada como chave de leitura e discussão privilegiada, tanto na tentativa de se compreender a lógica psíquica subjacente às manifestações, quanto na reflexão acerca das condições sociais e políticas que dão coordenadas simbólicas para sua ocorrência. Longe de considerá-las como duas operações distantes - circuito psíquico e coordenadas políticas -, elas são concebidas como dois lados de uma mesma moeda, como dois processos intimamente interligados.

Dessa forma, esse texto representa a dissertação final do programa de mestrado que tem como objetivo investigar, a partir do ponto de vista teórico da psicanálise, o fenômeno da agressividade e a intolerância política no Brasil no período pós 2013, especificamente de 2013 a 2017. Privilegiamos, como fonte de material para ilustrar os casos, as reportagens e notícias publicadas no período estudado que giram em torno deste problema, tendo em vista a possibilidade de contribuição na compreensão dessas questões pela psicanálise.

A metodologia dessa pesquisa consistiu numa pesquisa teórica e empírica, situada no debate entre psicanálise e política, partindo da discussão de conceitos e noções elaborados por Freud e Lacan como narcisismo, pulsão, agressividade entre outros, para lançar luz a possibilidade de uma dimensão imaginária inflada, como consequência do modo de produção atual do capitalismo neoliberal sendo uma das responsáveis pela agressividade e intolerância política que circula no Brasil atualmente.

É importante comentarmos como a pesquisa acabou se transformando diante daquilo que se imaginou no começo. Com o avanço da escrita e o percurso teórico feito, principalmente no primeiro e começo do segundo capítulo, a questão de pesquisa que anteriormente era apenas sobre violência, ganhou um novo recorte. Ao nos depararmos com a relação tão próxima que pode existir entre dinâmica psíquica individual e de grupo dentro do cenário mais amplo da política, a pesquisa tomou alguns rumos específicos, principalmente no que se diz respeito a influência do capitalismo neoliberal e a forma como isso reverbera nos indivíduos e no cenário político do país.

Nesse percurso, a pesquisa foi dividida em três capítulos diferentes. O primeiro capítulo foi dividido em cinco sessões e compreende todo o embasamento teórico da psicanálise dessa dissertação. Indo de Freud ao Lacan do imaginário, a maioria dos textos chamados como sociológicos de Freud foram trabalhados, bem como a questão do narcisismo, identificação, pulsões e agressividade chegando às releituras lacanianas de alguns desses conceitos.

No segundo capítulo foi feito num primeiro momento, uma argumentação mostrando como a psicanálise tem uma relação próxima com o período histórico em que ela está situada. Posteriormente foi feita uma contextualização histórica do momento atual mundial e após isso, um panorama político brasileiro compreendendo o período de 2013 a 2017.

No terceiro e último capítulo foi feita uma articulação propriamente dita entre os conceitos trabalhados no primeiro capítulo e o recorte temporal do Brasil no período estudado, verificando assim as contribuições possíveis da psicanálise na análise de nossa questão de pesquisa. Sem a pretensão de achar que essa articulação esgota ou responde a questão inteiramente, apenas colocamos mais uma contribuição nesse terreno prolífico da psicanálise e o social, já que partimos do ponto de vista de uma pesquisa enquanto um saber e não enquanto uma verdade absoluta.

É importante comentar que como essa dissertação se pauta no narcisismo e suas implicações nas relações sociais de grupos, bem como no registro imaginário da obra de Lacan, a noção de “indivíduo” é mais coerente. Não abordamos de forma direta a conceituação do registro simbólico de Lacan, onde aparece claramente a noção de sujeito e, portanto, optamos por não fazer uso dessa terminologia. A própria escolha por manter a bibliografia lacaniana primordialmente no momento dedicado à constituição do registro do imaginário, nos direcionou ao eu, por meio do conceito do narcisismo.

Comentamos também, que na reta final de construção dessa dissertação entre maio e junho de 2018, essa problemática continuou a avançar e tomar rumos inesperados, com uma greve nacional de caminhoneiros parando o país. Não muito tempo depois, o movimento foi atravessado (se é que já não começou assim) pela divisão política e ganhou características conservadoras, inclusive fascistas, ao começarem a aparecer pedidos de intervenção militar por parte principalmente de alguns grevistas.

Por fim, informamos que foi feita uma sessão de referências específicas para os links de internet após a sessão das referências tradicionais acadêmicas como forma de organizar melhor e facilitar a procura dos nomes e fontes, caso assim necessário.

Capítulo 1 – O eu e suas relações na teoria psicanalítica

Pretendemos nesse primeiro capítulo fazer um apanhado geral da obra freudiana no que diz respeito a constituição do eu, a relação do indivíduo com o outro na dimensão social e a questão da agressividade. Também iremos abordar alguns textos do chamado Lacan do imaginário, registro privilegiado trabalhado pelo psicanalista francês onde ocorre algumas releituras de conceitos freudianos e que são pertinentes ao nosso problema de pesquisa.

1.1 O conceito de Narcisismo e a formação do eu

Segundo a teoria psicanalítica freudiana, nós não nascemos tendo uma autoconsciência do eu. Nós nos tornamos eu a partir de um processo que ocorre ainda cedo no desenvolvimento. Lançando as bases desse tema, Freud publica em 1914 o texto a *Introdução ao Narcisismo* onde por meio desse novo conceito, elucida como se dá a formação do eu.

Tomando a etimologia desse novo conceito do mito grego de Narciso - um belo jovem que é tragado ao rio e morre em decorrência do seu apaixonamento pela própria imagem – Freud, desenvolve o texto como uma resposta a Jung em relação à questão da libido e chega, por consequência, ao conceito do narcisismo, o diferenciando da perversão como proposto pela sexologia de sua época. Vale notar que o próprio termo ‘perversão’, tal como era descrito, já é um atravessamento ideológico da moral vitoriana daquele período, o final do século XIX e começo do século XX.

Segundo o autor, nós nascemos como organismos sem nenhum tipo de organização prévia da constituição do eu. Inicialmente, somos habitados por pulsões auto eróticas que buscam as suas próprias satisfações parciais por vias diferentes, sejam elas pela boca, pelo olhar ou outra parte do corpo e é por meio dessas zonas erógenas que conseguimos estabelecer nossos primeiros contatos com o mundo. Esse caldeirão de pulsões é caótico e só começa a tomar rumos organizados a partir de uma ação psíquica que Freud vai chamar de narcisismo primário. Essa ação psíquica só se torna possível devido ao momento de maturação fisiológica onde a criança se encontra que, por consequência, permite a ocorrência da deflagração do eu e sua imagem. Retomaremos isso em outra ocasião com Jacques Lacan e sua relação com as teorias da psicologia do desenvolvimento de Henri Wallon (Coppus, 2010).

O narcisismo organiza essa fase inicial auto erótica por meio de uma primeira identificação à imagem. Ele provoca a unificação da imagem do indivíduo e é a partir dele que o indivíduo se torna capaz de posteriormente se identificar a outros e se constituir enquanto eu ao longo da vida.

De acordo com a teoria do narcisismo, como consequência dessa identificação primária, cria-se uma imagem chamada de eu ideal, uma representação daquele período narcísico infantil onde a criança é perfeita para os pais (*His Majesty the baby*) e desfruta de plena satisfação libidinal:

O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância... (Freud, pág. 40, 1914/2010).

Essa imagem representa o eu enquanto um objeto para os outros – pais, a sociedade- dentro dos seus desejos e expectativas, e nós a tomamos como uma representação imaginária daquilo que se espera de nós, tal como explicado na citação abaixo:

Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e ângulo da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe. No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (Freud, pág. 36-37, 1914/2010).

Como processo de identificação subsequente ao narcisismo primário, o narcisismo secundário irá tomar a frente enquanto um instrumento de constituição do eu na vida do indivíduo. Ele irá se realizar por um afastamento daquele narcisismo inicial e produz um imediato esforço para reconquistá-lo, tendo como intermediador para tal, a instância simbólica do ideal do eu (Freud, 1914/2010).

Esse ideal se caracteriza por ser um conjunto de identificações que a pessoa toma ao decorrer da vida como uma imagem daquilo que ela idealmente deveria ser, para ter a

garantia de ser amada. É o ideal que nos conduz a ser de tal maneira para que sejamos ‘autorizados’ a desejar determinados objetos como, por exemplo, na cena edípica onde o filho quer ser igual ao pai, para poder desejar alguém como a mãe que, por sua vez, ama o pai. Além disso, esse ideal se situa como um lugar inalcançável, marcado inconscientemente e que irá nos guiar como um ponto a ser hipoteticamente atingido para se alcançar a satisfação libidinal.

A libido, além de ser deslocada pelo eu para esse ideal, é direcionada também a objetos que são permeados por componentes de escolhas narcísicas. Ou seja, aquilo que representa o que o eu já foi um dia e perdeu (eu ideal) ou aquilo que possui méritos desejáveis, mas que o eu jamais teve (ideal do eu), são tomados como objetos desse direcionamento libidinal. Tal movimento é tido como uma balança onde o investimento da libido se desloca e muda de direcionamento ora tendo como foco o eu, ora tendo os objetos. A exemplo disso, Freud cita a situação de se apaixonar onde o eu investe a libido de forma excessiva no outro ou na relação, objeto de sua paixão, e esvazia o investimento em si mesmo como consequência, e vice versa nos casos onde existe um direcionamento mais forte do indivíduo na própria imagem em detrimento de algum objeto externo específico (Freud, 1914/2010).

Percebe-se então que já em 1914, fica evidenciado para Freud o papel fundamental do narcisismo na escolha dos objetos amorosos feitas pelo indivíduo no decorrer de suas experiências. O autor chega a comentar duas possíveis modalidades as quais nós nos adequaríamos, sendo elas as escolhas objetais de apoio e as narcísicas.

As escolhas objetais de apoio são consideradas por Freud como mais comuns nos homens e se relacionam a figura do cuidador ou cuidadora encarregado da alimentação, proteção ou do cuidado de forma geral da criança. São atravessadas pelas pulsões sexuais – abordaremos esse tópico na próxima seção- e a relação seria a seguinte: para os homens, uma escolha pautada na mulher nutriz; para a mulher, uma escolha pautada no homem protetor (Freud, 1914/2010).

Já as escolhas objetais narcísicas só foram possíveis de serem formuladas por meio do surgimento da psicanálise. Segundo Freud, elas ocorrem de forma mais evidente em pessoas com alguma “perturbação” no desenvolvimento libidinal, como nas ditas perversões e, se caracterizam por ocorrer quando esses indivíduos *não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso* (Freud, pág. 32, 1914/2010). Percebe-se aqui, que tais escolhas têm como força motriz aquilo que o autor

irá denominar posteriormente como pulsões do eu, no texto *As Pulsões e seus Destinos* (1915/2010) o qual iremos abordar em seguida, juntamente com as pulsões sexuais.

Além disso, é ressaltado no próprio texto que ambos os caminhos dessas escolhas objetais se apresentam para todos, uma vez que segundo Freud, todos temos os mesmos objetos sexuais originalmente: nossa figura materna e nós mesmos. É nessa escolha que se apresenta o narcisismo primário de todos, sendo que posteriormente, os efeitos de uma delas se apresentará de forma predominante na dinâmica psíquica do indivíduo (Freud, 1914/2010).

Dessa forma, quando Freud nos fala dessa relação entre o indivíduo de determinado sexo e suas escolhas objetais focadas ou na figura do pai ou da mãe, se torna possível notar as configurações sociais e políticas que atravessam sua obra naquele contexto cultural de uma sociedade vitoriana entre final do século XIX e início do século XX, onde a imagem de uma família nuclear formada pelo pai enquanto provedor e protetor, e a mãe enquanto cuidadora da casa e dos filhos era a configuração familiar tida como a mais comum.

Ainda dentro do narcisismo, Freud comenta as origens do amor próprio e elucida que, além daquilo que surge primariamente originado como resquício do narcisismo primário e da satisfação da libido direcionada aos objetos, o amor próprio vem exatamente pelo cumprimento ou aproximação do eu ao ideal do eu, já comentado anteriormente (Freud, 1914/2010). Portanto, quanto mais próximo o eu se situar desse ideal, maior será a satisfação narcísica desse indivíduo em forma de amor próprio.

Importante notar que a própria existência do que é chamado de amor no geral e também de agressividade, só é possível devido a esses processos de identificação iniciais e a conseqüente formação do eu. Aquele período anterior ao narcisismo primário, autoerótico e dominado pelas pulsões não permite essa existência, pois quem ama ou odeia é o eu: as pulsões, como explicadas por Freud posteriormente em sua obra, só tem como finalidade a sua própria satisfação.

Desse modo, podemos já começar a refletir sobre o papel que esses processos de identificação têm no meio social. Dentro desse referencial, a forma como os afetos correm pelas relações sociais expõem uma raiz narcísica, pautada nessa imagem identificada com aquilo que se relaciona ao indivíduo e gera amor, ou no extremo oposto, a agressividade àquilo que parece diferente ou estranho à consciência e resulta em afetos negativos.

Adentraremos propriamente nesse território da articulação de conceitos dentro das relações na sociedade mais adiante, no terceiro capítulo. Antes disso, é necessário que

passemos por outros conceitos chave nesse arcabouço teórico da constituição do eu na sociedade.

Assim sendo, passaremos agora pela teoria das pulsões como forma de elucidar melhor essa relação do eu com a pulsão e as suas consequências na vida do indivíduo.

1.2 As pulsões e seus atributos

Em 1915, Freud publica o texto *As Pulsões e seus destinos*, e dá continuidade à formulação do conceito de pulsão, citado pela primeira vez no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1905.

Freud inicia o texto de 1915 comentando a necessidade de elaboração de conceitos abstratos, que vez ou outra aparece na construção de um conhecimento científico. O conceito de pulsão se enquadra nessa categoria, já que o foi inteiramente construído pelo autor como a “nossa mitologia”, uma tentativa de tentar dar lógica a determinados fenômenos psíquicos ou mentais que ele observava.

Essa construção já havia se iniciado anteriormente em sua obra no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1976), onde Freud define a pulsão como “representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico” (Freud, pág. 171, 1905/1976).

É válido notar que nesse momento da obra, Freud formula a pulsão como sendo parcial e tendo uma natureza sexual. Ela se relaciona diretamente com as zonas erógenas. São elas também, as responsáveis pela sexualidade no período infantil – apesar de não serem abandonadas na puberdade – e possuem uma grande plasticidade quanto ao seu objeto (Freud, 1905/1976). Posteriormente, essa formulação do conceito de pulsão se desdobra no texto de 1915, *As Pulsões e seus destinos*.

Trabalhando esse conceito, Freud pensa a pulsão enquanto na fronteira entre o que é mental e o que é corporal, e pensa a sua diferenciação com o estímulo em suas próprias origens: enquanto o estímulo vem do ambiente externo, do que está de fora do corpo, a pulsão surge do interior do organismo. Essas diferenças continuam, principalmente no que se refere à tentativa fundamental do organismo de eliminar essas forças e retornar ao estado anterior de não excitação. Vejamos, o estímulo tem a atuação de um impacto único e como consequência, pode ser eliminado por uma ação também única, como por exemplo

em situações em que o indivíduo se põe em fuga diante de uma situação ameaçadora (Freud, 1915/2010).

Enquanto isso, a pulsão atua diferente, não como um único momento de força momentânea, mas sim como uma força sempre constante. Freud inclusive comenta que, como a pulsão vem de dentro do organismo, não existe a possibilidade de fuga contra ela (Freud, 1915/2010), por mais que muitas vezes ela pressione o indivíduo em situações conflitantes e incômodas no seu percurso.

Essa força constante se configura então, como uma exigência de trabalho que o corpo faz com a mente em sua ligação, já que este não pode fugir de sua condição. Esse trabalho busca a satisfação por meio de um funcionamento complexo e específico, onde determinadas atividades têm de ser realizadas e direcionadas pelo indivíduo ao mundo externo. Dessa forma, o organismo fica sujeito ao que Freud chamou de princípio do prazer o qual possui a lógica na dicotomia entre prazer, decréscimo de excitação, e desprazer, aumento de excitação, ou seja, sempre pautado na lógica de buscar o estado anterior ao de excitação.

Esse funcionamento da pulsão é dividido em quatro elementos distintos: impulso (ou pressão, do alemão *Drang*), meta (ou finalidade - *Ziel*), objeto (*objekt*) e fonte da pulsão (*Quelle*). Explicaremos cada um desses elementos a seguir:

O impulso representa o próprio cerne da pulsão, é a representação da força constante, da pressão exercida no organismo do indivíduo - característica essencial da pulsão; é a própria exigência de trabalho que o corpo demanda à mente nesse processo.

Já a meta, é sempre a satisfação, por meio da eliminação da excitação na fonte da pulsão. Freud também ressalta que a meta apesar de permanecer inalterada no seu curso, possui caminhos diferentes que podem conduzir ao mesmo lugar. Dessa forma, elas podem ser variadas e também próximas ou intermediárias entre si, se relacionando por meio de combinações ou trocas umas pelas outras. Também é importante lembrar da explicação de Freud, de que mesmo quando a pulsão alcança essa meta (ou finalidade), ela não deixa de ser uma satisfação parcial (Freud, 1915/2010).

O terceiro elemento, o objeto, é definido por Freud como o meio pelo qual a pulsão pode alcançar sua meta. É o que se tem de mais variado na pulsão e pode se modificar no decorrer da vida do indivíduo, estando sempre subordinado a ela.

Por fim, a última parte desses quatro elementos é a própria fonte da pulsão, definida por Freud como:

(...) o processo somático num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo. Não se sabe se tal processo é normalmente de natureza química ou se pode corresponder também à liberação de outras forças, mecânicas, por exemplo. (Freud, pág. 59, 1915/2010).

Ou seja, para Freud, só tomamos ‘conhecimento’ desses processos somáticos quando nos deparamos com a necessidade de satisfação da meta pulsional, que parte dessa fonte corporal, denominada no texto *Os Três ensaios da sexualidade* (1905/1976) como zonas erógenas.

Essas zonas se comportam como se fossem acessórios, parte do aparelho sexual e se relacionam aos orifícios, como a boca e o ânus, que seriam zonas mais predestinadas a essa função. Porém, o próprio autor ressalta que qualquer parte do corpo, pele ou mucosa, pode tomar para si essa função sexualizada de zona erógena, desde que tenha certa aptidão a isso (Freud, 1905/1976).

É importante também notar que das quatro características da pulsão da primeira tópica, tal como definidos por Freud, o objeto é o que mais se distancia do atravessamento biológico que permeia em sua obra. Isso ocorre devido a sua natureza de variação constante, já que a escolha do indivíduo pelo objeto pulsional é o que a pulsão tem de mais flexível.

Como forma de organizar melhor os vários tipos de pulsão, Freud estabelece esses dois grandes grupos nesse momento de sua obra: as pulsões do eu e as pulsões sexuais. As pulsões do eu, são chamadas também de pulsões de auto conservação e se relacionam com a preservação do próprio indivíduo. Já as pulsões sexuais se relacionam com a libido voltada para o outro. Freud justifica essa separação retirando a explicação do campo da biologia e afirma que a sexualidade nunca deve ser colocada num mesmo plano de funcionamento do indivíduo, pois tem como tendência a procriação de novos indivíduos e a perpetuação da espécie como um todo (Freud, 1915/2010).

Freud afirma que a observação permite investigar melhor os destinos das pulsões sexuais, mas antes de chegarmos a esse ponto, é necessário caracteriza-las melhor:

(...) são numerosas, originam-se de múltiplas fontes orgânicas, atuam de início independentemente umas das outras, e apenas bem depois são reunidas numa síntese mais ou menos completa. A meta que cada uma delas procura atingir é o *prazer do órgão*; somente após efetuada a síntese elas entram a serviço da *função reprodutiva*, tornando-se geralmente reconhecidos como pulsões sexuais. Ao aparecer, apoiam-se inicialmente nas pulsões de conservação, dos quais se desligam apenas aos poucos, e seguem também na busca de objeto os caminhos que lhes mostram as pulsões do Eu. Uma parte delas permanece a vida inteira associada as pulsões do Eu, dotando-os de componentes *libidinais*, que na função normal são facilmente ignoradas, e apenas quando há doença surgem claramente. Caracterizam-se pelo fato de poderem, em larga medida, agir vicariamente umas pelas outras, e trocar facilmente seus objetos. Devido a esses atributos, são capazes de realizações que se acham bem afastadas de suas originais ações dotadas de objetivo. (Freud, pág. 63-64, 1915/2010).

Dessa forma, seus destinos podem tomar rumos diferentes, divididos em quatro categorias diferentes: a sublimação; a repressão; a reversão ao contrário; e por fim o voltar-se contra a própria pessoa. Freud elucida apenas os dois últimos nesse texto.

Segundo ele, os melhores exemplos do destino da pulsão enquanto “reversa ao contrário” são os pares sadismo/masiquismo e voyeurismo/exibicionismo. Esse destino se explica por ser “reverso” devido à troca da meta da pulsão: a meta ativa (bater, olhar) é substituída pelo oposto passivo (apanhar, ser olhado).

Já o destino pulsional de “voltar-se contra a própria pessoa” se exemplifica pela troca de objeto, enquanto a meta permanece a mesma. Portanto, o masoquista, que a olhos leigos parece se satisfazer com o ato de “apanhar”, na verdade é um sadista que direciona o bater para o próprio corpo, enquanto o exibicionista, que aparenta gostar de ser admirado por olhos alheios, na verdade se satisfaz contemplando o próprio corpo.

Isso nos remete a uma formação narcísica na organização dessas pulsões, devido a essa configuração em que o eu é tomado como objeto. Basta tomarmos o exemplo citado acima do exibicionista e a pulsão de olhar, onde o gesto de olhar é atrelado ao próprio corpo como objeto. De acordo com o distanciamento do indivíduo do narcisismo, a pulsão ativa de olhar vai se configurando, enquanto a pulsão passiva de olhar se mantém no objeto narcísico do próprio corpo (Freud, 1915/2010).

Um outro exemplo dado pelo autor das implicações narcísicas nas pulsões se refere a transformação do sadismo em masiquismo. Nesse esquema, também ocorre um retorno ao objeto narcísico, onde o sujeito narcísico é trocado por um outro eu por meio de uma identificação (Freud, 1915/2010).

Portanto, a forma como esse direcionamento da pulsão ao eu ocorre, depende da organização narcísica do eu e do seu próprio processo de constituição (Freud, 1915/2010).

Para concluir, Freud comenta sobre o amor nas pulsões, e diz que a única transformação possível de uma pulsão direcionada ao mesmo objeto é na dualidade amor-ódio, sendo possível que muitas vezes, elas se encontram direcionadas simultaneamente ao mesmo objeto. Isso configura uma das três formas possíveis de polarização da vida psíquica que conduzem a questão pulsional no indivíduo, já citadas anteriormente no texto.

São elas: (1) eu – objeto (mundo externo); (2) prazer-desprazer (lógica econômica); e (3) ativo-passivo. Essas polaridades ocorrem somente após o narcisismo primário, já que antes, o indivíduo se achava alheio ao mundo e se encontrava investido

auto eroticamente, sem ter que lidar com objetos externos ou flutuações de estímulos (Freud, 1915/2010).

Tendo como base os caminhos de constituição do eu por meio do narcisismo e a dinâmica pulsional, podemos avançar um pouco mais na teoria, verificando os efeitos que a identificação e os afetos tem no indivíduo e na sua relação com a sociedade. E, portanto, nos aproximamos cada vez mais do interesse dessa pesquisa, que busca articular esses conceitos descritos da psicanálise com o contexto da agressividade pautada pela intolerância no Brasil atual.

1.3 A psicologia das massas e sua relação com o eu

Pensar o amor e a agressividade (e por consequência, o ódio), nos laços sociais bem como na articulação entre identificação e agressividade é um *insight* fundamental para pensar a lógica social, sendo que Freud o faz na década de 1920 com o texto *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1922/2011). Nesse texto, o autor relata dois mecanismos fundamentais na psicologia dos grupos: o amor idealizado e a identificação que perpassa os mesmos integrantes de um grupo perante a imagem de um líder. E pode-se pensar ainda um terceiro mecanismo que se liga diretamente aos citados anteriormente: a exteriorização de sentimentos agressivos voltadas ao outro, ao estranho que não está no grupo. Todos esses mecanismos são modos para manter um grupo agregado. Retomaremos essas ideias, mas antes, é necessário ver como as ideias de Freud se desenvolvem nesse texto sobre as massas (ou grupos) e sua relação com o eu.

Nesse texto de 1922, Freud faz um percurso sobre a chamada “psicologia das massas” e toma um caminho passando por autores que já haviam escrito sobre o tema em sua época. Dentre esses autores estão o teórico francês Gustave Le Bon e o psicólogo britânico William McDougall.

Em relação a Le Bon, Freud o caracteriza como um autor que descreve perfeitamente o comportamento dos grupos ou massas efêmeras - aquelas que surgem e se dissipam rapidamente sem que tenham algum mecanismo que as sustente por um período de tempo maior - e o quanto elas se diferem do indivíduo isolado. Entre os comportamentos e características descritas, estão a capacidade de unir tantos indivíduos heterogêneos dentro uma massa homogênea; a impulsividade, excitabilidade e mesmo a violência; a intolerância e crença absoluta em suas ideias; a capacidade intelectual e inibição de seus indivíduos diminuída - a exemplo dos povos “primitivos” e das crianças; a

sensação de invencibilidade, e por fim, a sugestionabilidade. É válido notar que claramente existe aí nessas noções, uma inspiração nos levantes populares da revolução francesa de 1789 (Freud, 1922/2011).

Já em McDougall, Freud se interessa pela ideia das massas estáveis ou duradouras, o que era tido como uma das contradições nas teorias dos pensadores da psicologia coletiva da época. Para McDougall, a diferença de uma massa efêmera para uma massa estável é o nível de organização. Tanto que o britânico estabelece cinco princípios necessários para os quais uma massa efêmera deveria ter para ser considerada como uma massa estável: (1) algum grau de continuidade de sua existência (duração ao longo do tempo); (2) alguma concepção das funções estabelecidas entre os membros para a massa; (3) se relacionar com outras massas semelhantes, mas que difiram em outros pontos e, portanto, se rivalizem; (4) que tenha tradições, costumes nas suas relações entre membros e (5) uma divisão de função ou trabalho entre os indivíduos que componham o grupo. Freud, porém, crítica essa descrição de organização das massas estáveis, pois aponta que isso nada mais é que uma tentativa de retomar as características individuais que os membros do grupo tinham antes de fazerem parte desse conjunto de pessoas e, portanto, não dá conta de elucidar a complexidade da formação e descrição das massas ou grupos estáveis que existem na sociedade, como as instituições e outras configurações grupais (Freud, 1922/2011).

Quais seriam então, os mecanismos que formariam e caracterizariam um grupo durável ou estável? Segundo Freud, a explicação recai na libido. O que para outros autores, como os citados anteriormente, poderia se explicar pela ideia da “sugestionabilidade”, para Freud, as explicações seriam as ligações libidinais (ou amorosas), como explicitadas pela citação a seguir:

Para começar, apoiaremos nossa expectativa em duas reflexões sumárias. Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles. (Freud, pág. 45, 1922/2011).

Tomando a libido como fio condutor para a formação das massas, Freud comenta como exemplo, a questão das “massas artificiais”, ou seja, aquelas que precisam de uma força exterior para existir, a exemplo da igreja e do exército. O que impediria a desagregação dos indivíduos desse grupo seria a libido investida de duas formas

específicas - e segundo o autor, são esses mecanismos essenciais que caracterizariam a formação de uma massa ou grupo estável.

O primeiro desses mecanismos se refere à ligação libidinal dos membros de um grupo a figura de um líder: no exército, esse líder seria o general ou o comandante superior de sua unidade; na igreja a figura religiosa maior – no caso do catolicismo, por exemplo, seria o Deus cristão. A ilusão que perpassa os membros desses diferentes grupos é a da estima que o líder possui igualmente por cada um deles. Boa parte da união dessas massas depende disso. Todos se consideram como irmãos perante essa figura “paterna” que toma conta e se importa da mesma forma com cada um deles. Não à toa, nas religiões cristãs como um todo, todos são considerados filhos de Deus, “irmãos” de Cristo.

Válido notar que Freud comenta a hipótese no decorrer do texto que esse líder não precisa ser necessariamente, a figura de alguém em si, mas sim a representação de uma ideia ou instituição que abarca os membros de uma mesma maneira. Cita por exemplo, outras formas de ligações não religiosas, como o socialismo que ganhava força em sua época ou a própria noção das possíveis disputas futuras entre diferentes pensamentos científicos como forma de ligações de massa que poderiam se comportar da mesma forma como instituições religiosas.

Esses comportamentos teriam como características um sentimento de amor por entre os membros que fazem parte de uma mesma massa e a conseqüente intolerância por aqueles que não o fazem. Freud, então, considera uma segunda forma de ligação com o grupo além desse investimento libidinal na figura do líder: a ligação entre os membros.

Tomando como base as lições da psicanálise sobre a constituição daquilo que é chamado de eu, Freud comenta que existe outra forma essencial do afeto aparecer nas relações, além daquela forma de investimento libidinal pautado na escolha objetal de apoio (escolha essa que, como sabemos, é originária do narcisismo primário): a identificação.

A identificação é adotada aqui como um mecanismo para manter um grupo agregado e se lembrarmos corretamente, ela está presente na constituição de laços entre diferentes pessoas desde o narcisismo primário. Principalmente, devido as suas implicações no complexo de Édipo.

De forma simplificada, o complexo de Édipo se desenrola da seguinte forma: em seu desenvolvimento, a criança deseja a mãe como um objeto (escolha objetal de apoio) e se identifica com o pai, o tomando como um modelo ou um ideal (escolha objetal narcísica). No decorrer desse processo, a criança percebe que ambos os processos não podem continuar, pois o pai representa um empecilho entre ele e a mãe. Dessa forma, a

identificação com o pai toma contornos agressivos, e ao invés de querer ser como o pai para ter a mãe, a criança deseja substituir o pai propriamente. Isso demonstra, mais uma vez, como a identificação pode possuir nuances ambivalentes quanto à forma de afeto que ela irá provocar (Freud, 1922/2011).

Essa ambivalência diz respeito à própria dicotomia entre o amor e a agressividade e como isso pode se tornar alguns dos fios de condução para constituição de um grupo ou massa mais estável, dentro do ponto de vista da união entre seus próprios membros. Esses sentimentos nada mais são do que as ligações de libido entre os integrantes do grupo.

Dentro dessa constituição grupal, o amor entre os membros é pleno, eles se consideram como iguais, respeitam as características específicas de cada um e chegam a se anular do ponto de vista narcísico individual, em nome do grupo. A agressividade aparece também como mais uma possibilidade de ligação entre os membros, quando ele funciona como um elemento unificador pautado pela hostilidade ao diferente - a identificação, a figura do líder (ou o conteúdo ideativo que é objeto do grupo) os direcionam a isso. Não à toa, a história da humanidade é permeada, modificada e contada por meio dos diversos conflitos resultantes do ódio entre diferentes povos: a disputa entre palestinos (povos árabes, de religião islâmica) e israelenses (judeus) pela região entre o Rio Jordão e o mar Mediterrâneo; os grupos supremacistas brancos (Ku Klus Klan) e seu preconceito com os negros nos Estados Unidos, assim como o preconceito racial geral na história do mundo; a guerra fria, que atravessou metade do século XX com a disputa ideológica e econômica entre seus países capitalistas e países socialistas.

E de forma às vezes paradoxal, nota-se que grupos não tão diferentes que partilham de várias características, se consideram como inimigos: os bairros vizinhos da periferia de uma mesma cidade; o povo basco que busca a separação de seus conterrâneos da Espanha, os grupos de orientação política de esquerda que depreciam as lutas e pautas uns dos outros, como a vertente radical do feminismo que critica pontos da luta dos transexuais. Os exemplos são muitos, como explicadas nas próprias palavras de Freud:

Havendo duas cidades vizinhas, cada uma se torna a maldosa concorrente da outra; cada pequenino cantão olha com desdém para o outro. Etnias bastante aparentadas se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês diz cobras e lagartos do escocês, o espanhol despreza o português. Já não nos surpreende que diferenças maiores resultem numa aversão difícil de superar, como a do gaulês pelo germano, do ariano pelo semita, do branco pelo homem de cor. (pág. 57, 1922/2011).

O que aparentemente se destaca em toda essa conjectura é que a agressividade voltada àquele que é diferente, mesmo que minimamente, se sobressai como um dos

atributos centrais na hora de definir as relações de um grupo com outro grupo diferente. Pode se pensar então, numa possibilidade; o que define uma identificação entre indivíduos entre si, e de um grupo com o outro, passa por critérios específicos de cada particularidade inconsciente, e que ela sempre adota esquemas bem parciais.

Da mesma forma, o amor que une esses membros em torno dessa “causa comum” e das suas identificações tem um funcionamento característico e Freud chega a comparar essa dinâmica do grupo com suas ligações libidinais à situação da hipnose. Tanto na relação do indivíduo com o grupo quanto na relação de um paciente com seu hipnotizador as características são as mesmas: o objeto é colocado no lugar de ideal do eu, aquele produto do narcisismo.

Conseqüentemente, o indivíduo sujeito a uma dessas situações realiza atos antes não pensados por ele próprio, chegando a cometer ações criminosas sem que sinta remorso ou mesmo considere que estava fazendo algo de errado. Mas porque sentiria? Afinal de contas, estava seguindo o direcionamento que essa parte inconsciente dentro de si apontava. E o provocador de tal situação é a libido. Em outras palavras, o amor é direcionado àquele objeto, seja ele o indivíduo que o hipnotiza ou o líder daquele grupo a que pertence. Trata-se, portanto, de uma renúncia dessa instância fundamental em sua vida, o ideal do eu, em função desse objeto “eleito” de forma inconsciente.

Portanto, fica evidente para nós a importância dos mecanismos de identificação tanto na constituição do eu do indivíduo, como na sua relação com outras pessoas na formação e manutenção de um grupo. Para concluir, podemos citar o que Freud fala a respeito:

(...) primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetual libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação. (Freud, pág. 64-65, 1922/2011).

Ou seja, o primeiro ponto se refere à importância da identificação no começo da vida do indivíduo e suas implicações no narcisismo primário e complexo de Édipo; já o segundo, diz da substituição do ideal do eu pelo objeto do grupo e por fim, o último ponto, se refere à nossa suscetibilidade a novas ligações libidinais, já que, sendo nós seres humanos, animais políticos, sempre vamos nos identificar com outros indivíduos ou grupos que compartilham de características em comum e isso constitui, basicamente, as condições

fundamentais para a formação de um grupo e sua relação com o eu, tal como definidos por Freud.

Feito esse percurso até então, vimos às contribuições de Freud a respeito de como o indivíduo ama e constrói laços e um breve trabalho sobre a formação dos grupos desses indivíduos. Portanto, é necessário que agora trabalhem com o último dos textos sociológicos de Freud onde ele aborda a cultura que engloba todos esses indivíduos e grupos e como isso afeta o curso da vida em sociedade.

1.4 O Mal-Estar na Civilização e a Pulsão de Morte

O último dos textos em que Freud aborda de forma mais complexa questões relacionadas a sociedade foi publicado em 1930 e foi intitulado *O Mal-Estar na Civilização*. Esse texto explora a condição civilizatória à qual todo indivíduo é imposto ao se constituir na cultura.

No decorrer da obra, o autor discorre de como essa condição provoca um mal-estar no indivíduo devido a tentativa de conciliação entre as imposições da civilização (ou da cultura, tratados com o mesmo significado pelo autor nesse texto) e as exigências pulsionais que partem do sujeito.

A civilização citada acima, é definida pelo autor como todas as criações humanas que nos afastam dos nossos antepassados animais, e ela serve para dois fins distintos: a proteção diante da força da natureza e a regulação da vida em sociedade e seus valores. Sobre tal ideia, Freud comenta:

Vemos como culturais todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais etc. Sobre esse aspecto do que é cultural não parece haver dúvida. Se voltamos suficientemente atrás no tempo, os primeiros atos culturais foram o uso de instrumentos, o domínio sobre o fogo, a construção de moradias. Entre eles sobressai o domínio do fogo, realização extraordinária e sem precedente; com os outros o homem iniciou caminhos que desde então nunca deixou de seguir, e cujo estímulo primordial não é difícil de imaginar. (Freud, pág. 50, 1930/2010)

Instrumentos de aperfeiçoamento sensorial como os óculos, o desenvolvimento da medicina e seus aparatos, a criação dos meios de transporte e dos aparelhos científicos, são alguns dos exemplos das criações dos indivíduos dentro da cultura para tentar combater o poder e as condições da natureza as quais todos estão sujeitos.

Já as nossas exigências pulsionais, partem da seguinte premissa: nós, humanos, possuímos em nossa natureza, uma vocação a tendências agressivas constitutivas de nossa

condição, que impediriam a vida dentro de uma sociedade coletiva. Logo, o que permite a existência da civilização são as instâncias reguladoras criadas por nós mesmos dentro das diversas camadas da sociedade, como a religião, a lei, a ética e os costumes de cada povo.

Para o autor, o indivíduo é um inimigo em potencial da civilização devido a essas tendências destrutivas e está sempre numa luta constante com a cultura, onde tenta a nível inconsciente, satisfazer suas necessidades pulsionais que possuem os conteúdos mais diversos, como as pulsões de teor sexual e agressivas. Deste modo, também fica evidente a existência de uma restrição sexual na vida em sociedade.⁶

A cultura então, tem não só esse papel de reprimir essas pulsões entre os membros de um mesmo grupo, mas também atua como um instrumento regulador das relações sociais do indivíduo. Os papéis que cada um ocupa na sociedade como por exemplo ser um membro colaborador dentro de um mesmo grupo; ou objeto sexual de outrem, cidadão dentro de um Estado, ou membro de uma família, são todos feitos a luz de um reconhecimento coletivo dialético dessas posições: te reconheço como parte do meu grupo e você me reconhece como parte dele, também. Do contrário, todos estariam sujeitos às arbitrariedades individuais e a possibilidade da constituição grupal, da vida em sociedade como conhecemos, ficaria impossibilitada.

Diante dessas funções que a cultura exerce, as pessoas têm a possibilidade de desfrutar de uma vida em sociedade que possua muitos integrantes, tirando da sua vantagem numérica e do acordo comum entre essas partes, uma força que sobreponha vontades individuais. Para isso, cria contratos, combinados e leis como meio de tentar resolver impasses e tentar ter garantias. Também usa a sublimação⁷ como mecanismo fundamental dentro da vida coletiva, usando as pulsões que se deslocam da sua meta como força motriz para a criação da arte, da ciência e da filosofia. Deste modo, dentro da cultura seus membros estão conectados libidinalmente, com ligações fortes bem estabelecidas uns com os outros por meio de identificações e relações de amizade, além das relações amorosas e familiares.

Podemos dizer então, que frente ao desamparo e a incerteza de viver sujeito as pulsões agressivas de membros da própria espécie, o indivíduo troca um tanto de sua felicidade por alguma forma de segurança e comodidade de se viver em uma civilização

⁶ Tal ideia já havia sido abordada por Freud em seu livro *Totem e tabu* (1912/2012), em que é comentado o mito da horda primeva, onde o pai tirano, líder da horda, impõe a proibição fundamental do incesto para seus filhos.

⁷ “Tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que está se deslocando para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados.” (Roudinesco e Plon, pág 734, 1997)

pautada pela ordem e pela lei, não mais podendo desfrutar da sua liberdade anterior, quando ainda não estava sujeito a cultura e podia, em teoria, fazer o que bem entendesse.

Portanto, a razão desse sentimento de mal-estar, dessa infelicidade na civilização seria devido ao processo cultural onde, segundo Freud, o homem sofre e só se torna neurótico porque não dá conta dessas medidas de privação impostas contra seus desejos sexuais e agressivos. Logo, ao mesmo tempo que tenta tirar a sensação de perigo e desamparo de viver sem uma civilização, acaba criando um mal-estar pior ainda, resultado da tentativa de conciliação entre as pulsões de vida, ou *Eros*, como chamado pelo autor, e aquilo que veio a ser chamado de pulsão de morte a partir de 1920 na obra *Além do Princípio do prazer*.

Essa nova tópica freudiana realiza uma virada dentro da concepção das pulsões. Anteriormente, o jogo pulsional se dava entre as pulsões do eu ou narcísicas, que são o investimento libidinal direcionado ao próprio corpo e as pulsões sexuais, direcionadas a objetos externos, como explicadas na segunda sessão desse capítulo.

A partir de 1920 a dinâmica do funcionamento psíquico se altera, sendo as pulsões do eu e as sexuais todas agrupadas dentro da pulsão de vida, em contraponto à pulsão de morte, conceito nomeado por Freud nessa obra a partir das observações da compulsão a repetição nos sonhos recorrentes de seus pacientes com neuroses traumáticas, ou as chamadas neuroses de guerra, bem recorrentes naquele período de pós Primeira Guerra Mundial.

Nesse trabalho, por meio de um ponto de vista econômico da metapsicologia, Freud analisa o princípio do prazer, o relacionando com um princípio de constância de energia, ou seja, diante de um estado de excitação, o organismo busca conservar o nível de energia psíquica o mais baixo possível, através da satisfação daquele estado. Portanto, a sensação de prazer é definida como uma diminuição do nível de excitação, isto é, o prazer está na descarga e conseqüente eliminação dessa energia do período excitado, enquanto o desprazer representa um aumento desses níveis. Como exemplo, o autor cita a relação sexual, que aprendemos ser “o maior prazer ao nosso alcance” (Pág. 237, 1920/2010) e que tem como finalidade, dentro desse ponto de vista de energia psíquica, a satisfação e eliminação momentânea da excitação elevada.

No entanto, Freud se dá conta no decorrer de sua experiência clínica, que esse princípio do prazer não domina todo o funcionamento psíquico dos indivíduos que chegam a seu consultório, o obrigando a repensar a sua teoria nesse sentido.

Ao se deparar com os relatos de sonhos recorrentes de seus pacientes com neuroses traumáticas, nos quais ocorria um retorno à situação traumática e a repetição da vivência do terror daquele momento, Freud nota uma compulsão a repetição que predomina sobre o princípio do prazer. Não só nos sonhos, mas também nota essa repetição na clínica dos pacientes histéricos, onde existe uma fixação psíquica com o passado e comenta: *tais fixações à vivência que desencadeou a enfermidade nos são conhecidas há muito tempo* (Freud, pág. 169, 1920/2010). Além disso, comenta o trabalho de Ferenczi e Simmel com pacientes com neurose de guerra que possuíam sintomas motores baseados também, na fixação ao momento do trauma (Freud, 1920/2010).

Tendo como base então, essas observações e seu trabalho na clínica, onde se deparava com a conduta transferencial e os relatos dos rumos da vida de seus pacientes, como no caso da mulher viúva que se casou três vezes com homens moribundos que necessitavam de seus cuidados, Freud nota que existe nessa compulsão a repetição uma constante tentativa de retorno ao estado inanimado, anterior a vida orgânica e, portanto, relacionado a destruição, agressividade e a morte: a pulsão de morte.

Dentro dessa nova dinâmica psíquica, enquanto a pulsão de vida é pautada pelo investimento libidinal nos mais diferentes objetos, como nas construções de laços com outras pessoas e no próprio investimento narcísico no eu, a pulsão de morte busca o oposto, a destruição dos objetos, o retorno ao estado inorgânico: “ Se é lícito aceitarmos, como experiência que não tem exceção, que todo ser vivo morre por razões *internas*, retorna ao estado inorgânico, então só podemos dizer que *o objetivo de toda vida é a morte*, e, retrospectivamente, que *o inanimado existia antes que o vivente*” (Freud, pág. 204, 1920/2010).

Retomando a questão do mal-estar, podemos então inferir que dentro da constituição humana, a pulsão de morte, representada pela tendência a agressividade, se coloca como o maior obstáculo para a existência da civilização (Freud, 1930/2010).

Deste modo, esse embate entre a pulsão de morte como agressividade e a civilização -produto de *Eros* que tem na libido a sua maior expressão de força - estabelece para Freud, *a luta vital da espécie humana* (Freud, pág. 91, 1930/2010).

E qual o mecanismo a cultura usa para se impor nessa luta diante do indivíduo com suas pulsões? A resposta seria a instância psíquica do super eu, uma representante interna da civilização que introjeta toda a agressividade voltada aos objetos externos para o próprio eu. Essa instância psíquica funciona como uma forma de autoridade

internalizada que vigia e pune o indivíduo de forma sádica e incansável por meio do sentimento de culpa.

Portanto, quando o indivíduo renuncia a uma pulsão agressiva, ela é acolhida pelo super eu e aumenta a agressividade dessa culpa contra ele próprio. Não sem motivos, quanto mais dentro dos parâmetros morais uma pessoa está, mais rigorosa e vigilante é a sua consciência, e por consequência, maior é a culpa e o sofrimento a qual ela se submete.

E a cultura, por meio de suas leis e instituições tenta reforçar no decorrer da sua história esse processo de ligação libidinal entre os indivíduos e a culpa tem um papel fundamental nisso. Freud comenta como exemplo a carta de Paulo aos romanos onde cita o novo mandamento dado por Jesus Cristo aos seus discípulos: “Amai vos uns aos outros, como eu vos amei”. Pois bem, devo amor a todos, mesmo quem me fez mal ou quem me desperta sentimentos hostis? Na impossibilidade de realizar essa tarefa imposta pela civilização, resta a culpa que serve como barreira para essas pulsões hostis. Se torna evidente então, o preço que pagamos pela vida em sociedade: quanto mais civilizado, maior é a culpa e mais difícil é a felicidade.

Freud comenta que essa culpa é o problema mais importante da evolução cultural e da condução da vida, e isso fica evidente se nos lembrarmos por exemplo, que o próprio sintoma dentro da neurose são *satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados* (Freud, pág. 113, 1930-2010) e que toda neurose possui um sentimento de culpa inconsciente que retroalimenta o sintoma por meio dos castigos. Seria como se: diante de uma pulsão que cede a repressão que vem da cultura, a parte pulsional do investimento libidinal viraria o sintoma e as pulsões agressivas se transformam em culpa (Freud, 1930/2010).

Podemos pensar, inclusive, num paralelo entre o super eu individual e um super eu que é criado pela cultura para a sua evolução. Ambas as instâncias criam severas exigências ideais de comportamento, onde o não cumprimento é passível de punições. E não por acaso, o indivíduo como parte da cultura, tem em seu super eu muitos dos mesmos parâmetros ideais do super eu da cultura.

Freud finaliza o texto sobre o Mal-estar se questionando até que ponto a civilização com todos os seus artifícios tem a capacidade de barrar pulsões agressivas tão fortes que nos atravessam constantemente, sem nos darmos conta disso:

A meu ver, a questão decisiva para a espécie humana é saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos de agressão e autodestruição. Precisamente quanto a isso a época de hoje merecerá talvez um interesse

especial. Atualmente os seres humanos atingiram um tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em boa parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo. Cabe agora esperar que a outra das duas “potências celestiais”, o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra o adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o sucesso e o desenlace? (Freud, pág. 121-122, 1930/2010)

Quase noventa anos depois desse trabalho, esse questionamento permanece sem resposta definitiva. No entanto, tendo vista os rumos do que acontece em relação a violência e a intolerância no Brasil e no mundo nos dias de hoje, podemos supor que esse conflito permanece. A pulsão de morte, por meio da agressividade, continua achando seus rumos de se manifestar, provocando determinados tipos de comportamento e criando instabilidade na vida em sociedade como fica exposto no próprio tema dessa pesquisa.

Se na época da publicação desse texto de Freud, era possível ver o resultado desse mal-estar na clínica, hoje isso se torna ainda mais evidente com a expansão do campo psicanalítico pelo mundo resultando em variados trabalhos como por exemplo, a obra *Violência* (2008/2014) do filósofo e teórico da psicanálise Slavoy Zizek que disserta sobre a violência no mundo moderno e as suas relações com o sistema social; ou em *O Tempo e o Cão* (2010) da psicanalista brasileira Maria Rita Kehl, que explora o aumento assombroso de diagnósticos de depressão na atualidade como uma doença social.

Dessa forma, a articulação da psicanálise com a sociedade se mantém cada vez mais atual e prosseguiremos com o avanço de conceitos chave da teoria para pesquisa na próxima sessão, ao comentar a releitura que Lacan faz de conceitos trabalhados até então.

1.5 Lacan: Identificação e Agressividade

Jacques Lacan, ávido leitor de Freud, procurou atualizar conceitos da psicanálise e avançar com a teoria, incluindo aí conceitos já comentados até então nesse capítulo. Nesse retorno a Freud, o psicanalista francês fez uma releitura do conceito de narcisismo e a noção de agressividade durante as primeiras décadas de seu ensino.

Um dos textos em que realiza tal tarefa, é o *Estádio do Espelho Como Formador da Função do Eu* (1949/1998), onde alega que o eu surge a partir de um processo de identificação imaginária ao igual, seja isso um espelho de fato ou o semelhante.

Essa noção trabalhada por Lacan da relação do indivíduo com o espelho – ou a aquilo que de alguma forma reflete a sua imagem - na verdade é anterior a Lacan e se origina na psicologia do desenvolvimento. Ela vem do psicólogo e médico francês Henri

Wallon que em 1931 no texto “*Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio*” descreve a maneira pela qual os bebês se relacionam com a própria imagem através do espelho. Segundo Wallon, a maneira como essa relação ocorre depende diretamente da maturação de determinadas partes do cérebro do bebê onde, após já iniciado o processo de mielinização de seus neurônios nas áreas frontais e occipitais, ele irá ser capaz de reconhecer a imagem de algo, como a representação simbólica daquilo no espaço e não como necessariamente o objeto em si, que ali se apresenta. O intuito de Wallon ao investigar tal relação nessa “prova do espelho” é verificar a nível cognitivo, o quanto de uma consciência de si a criança já possui e qual a sua relação com a realidade (Silva, 2007).

Além do trabalho de Wallon, outros estudos os quais Lacan usa como referência para desenvolver essa teoria do estágio do espelho são, segundo Sales (2005), de autores como Bühler, no estudo do transitivismo da psicologia comparada; Köhler em seu trabalho investigando as reações de chimpanzés frente ao espelho e Baldwin, que tem como foco investigar os fenômenos de imitação na primeira infância.

Investigando o processo de constituição do eu a nível imaginário, Lacan toma algumas bases nessas teorias, acrescentando o espectro da dimensão inconsciente, sustentando que o processo de identificação na criança se organizaria por meio de três momentos não lineares, mas sim concomitantes (Coppus, 2010).

Num primeiro tempo ainda não existe para a criança uma representação imagética daquilo que a constitui como um todo, portanto ela se enxerga como um corpo em pedaços, sem unificação própria naquilo que Lacan comenta como uma fantasia do corpo despedaçado. Portanto, quando a criança vê o seu reflexo no espelho, ela não o toma como uma imagem virtual de si, mas sim como a imagem de um outro indivíduo que é real e é por meio dessa imagem do outro que a criança se orienta nas suas experiências.

O segundo momento se caracteriza por um transitivismo nessa relação do indivíduo com o espelho. Existe o reconhecimento de que o reflexo que se apresenta não é mais o outro real, mas sim uma imagem - uma representação, e ao mesmo tempo ocorre uma confusão com a dualidade do reflexo sobre aquele que olha e aquele que é olhado. É dessa noção que vem a origem da experiência das crianças em determinado momento do desenvolvimento de que, quando agredem outra criança, se sentem como se elas tivessem sido agredidas e relatam isso para os seus pais.

No terceiro e último momento a criança aprende a reconhecer que aquele reflexo é uma representação do próprio corpo. Ocorre uma simbolização da imagem que se

apresenta no espelho e o eu surge a partir desse reconhecimento com uma manifestação de júbilo. A criança então, por meio de uma Gestalt formadora, tem o entendimento de uma unificação do próprio corpo - antes visto como despedaçado - e tem a sustentação de sua identidade por meio de um espectro imaginário onde aquilo que é o eu, na verdade, é uma imagem do que de fato representa (Lacan 1949a/1998). Em outras palavras, ocorre uma alienação do indivíduo em sua própria imagem já que ela não é a representação exata daquilo que é o indivíduo, mas sim um construto de uma *unidade subjetivamente inexistente* (Sales, pág. 116, 2005).

Pode-se pensar nesse processo de identificação e surgimento do eu na seguinte fórmula: o eu é o outro. Uma “ambivalência estrutural”, já que o eu só pode se reconhecer a partir do viés da alteridade, ou seja, sua própria imagem é sempre produzida a partir do outro (Lacan 1949/1998).

Isso não vem sem repercussão, causando no indivíduo uma tensão que altera a sua relação com o outro em dois aspectos: um erótico e outro agressivo. Erótico devido ao investimento libidinal focado na identificação narcísica da sua própria imagem e agressivo, pois, se o “eu é o outro” ele pode tomar o seu lugar. A única solução para tal questão é a destruição do outro (Guillot, 2006).

É nesse momento que podemos visualizar aquilo que Lacan chamou de paranoia original do eu como explicada por Ferrari: *Tal identificação supõe um desgarramento original do sujeito, deixando na subjetividade a paranóia original, ou seja, a marca da relação agressiva com o outro. Assim, a relação com outro é fundamentalmente agressiva, ainda que sublimada.* (Ferrari, pág. 56, 2006)

Dá se pode pensar na noção de que não existe identificação sem agressividade e nem agressividade sem identificação como nos conta Ferrari (2006) ou mesmo Freud em seu texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1922/2011) ao comentar sobre o processo de identificação da criança com os pais durante o Complexo de Édipo no seguinte trecho:

O menino percebe que o pai é um obstáculo entre e a mãe; sua identificação com o pai adquire então uma tonalidade hostil, e torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai também junto a mãe desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação (Freud, pág. 61, 1922/2011).

Essa noção tem uma relação direta com trabalho de Lacan no texto *A Agressividade em Psicanálise* (1948/1998) onde o autor escreve que a agressividade é constitutiva do sujeito e se origina em sua estruturação como eu.

Nesse texto, Lacan faz uma tentativa de estabelecer a agressividade como um conceito dentro da psicanálise. Tal ideia não aparece dessa maneira na obra de Freud, sendo apenas referenciada de outra forma por meio das pulsões agressivas ou destrutivas, todas elas no escopo da pulsão de morte (Freud, 1920) a qual foi apontada por Lacan como uma aporia, um momento na obra de Freud em que ocorre um impasse que não permite o autor avançar em sua teoria devido a tentativa de implicações desse conceito em raízes biológicas (Ferrari, 2006).

A partir do retorno a essa obra freudiana, Lacan produz cinco teses sobre a agressividade e sua relação com o indivíduo dentro da psicanálise e faz referência a algo que ambos autores têm em comum sobre a origem da agressividade: ela ocorre na passagem pelo narcisismo, durante a criação do eu e sua imagem pelo indivíduo.

Retomando assim, o estádio do espelho e sua dimensão imaginária, existe para a criança em seu processo de constituição do eu, uma dualidade na relação com o outro: ou ela o ama, ou o odeia. Não existem ainda ferramentas em seu repertório para o reconhecimento dialético de que o sujeito possa ser bom e mal, amado e odiado. Dualidade essa que ocorre devido à completude do eu, que é imaginário, onde a introdução da lei simbólica ainda não ocorreu para provocar a cisão e consequente a origem do sujeito (Lacan, 1956-57/1995).

Tal paralelo pode ser hipotetizado para o campo social: o que ocorre atualmente é uma inflação dessa dimensão imaginária, um curto circuito da linguagem que propicia a intolerância e consequente agressividade entre grupos distintos entre si? Retomaremos melhor essa questão no terceiro capítulo dessa pesquisa.

Um outro ponto abordado dentro desse Lacan do imaginário, é o alto valor psíquico que essa imagem do eu, possui para o indivíduo. Desse modo, quando a crença a unidade do eu é abalada por algum fator externo, o eu se ergue com as forças de suas defesas em meio ao medo de retornar àquele estado anterior do “corpo despedaçado”, antes do reconhecimento da própria imagem, o que pode causar o surgimento de reações agressivas em tais circunstâncias.

Tal elemento pode ser pensado como um dos fatores que ajudam a explicar a raiz de certos conflitos nas relações humanas. A crença nessa unidade do eu, pode ser transferida paralelamente à crença da unidade grupal? Então de forma semelhante,

podemos supor que a fantasia de destruição da unidade do grupo a que pertence, provoca conflito e reações agressivas direcionados ao outro indivíduo ou grupo tido como estranho.

Um outro paralelo o qual podemos comentar é sobre as instituições e as entidades. A partir da leitura desses textos de Lacan, podemos aponta-las como desdobramentos do eu na sociedade. Representam as facetas diferentes que o eu pode possuir e são o produto cultural das reações as pulsões direcionadas para a civilização, como por exemplo: a instituição da igreja existe porque há o pecado; criou-se o exército porque existe a guerra e assim por diante, sempre como uma resposta a pluralidade das pulsões diferentes que vem dos indivíduos.

Pegando o fio dessa mesma lógica, podemos refletir sobre um fenômeno relacionado que prevalece atualmente: o ideal da inclusão. Muito tem sido feito em cima dessa ideia, como a criação de leis, campanhas e promoção de discussões sobre o tema. Alguns dos focos são a inclusão dentro do contexto escolar, dentro do mercado de trabalho e a equidade de direitos, tendo como objetivo principal uma mudança no trato de setores da sociedade com as minorias.

E porque são necessárias todas essas ações e mobilização social em torno da ideia da inclusão? Porque nós temos uma tendência a exclusão, oriunda dessa agressividade constitutiva da formação do eu. Nesse registro imaginário, a passagem pelo estádio do espelho, como colocado por Lacan, evoca a dualidade na relação com o outro. Aquele que me identifico recebe meu afeto. Já o que é diferente e me faz sentir ameaçado, recebe minha agressividade. Portanto, se torna possível concluir que a sede dos preconceitos está onde se enraíza o narcisismo.

Tendo passado por todo esse percurso teórico, desde a metapsicologia e os textos sociológicos freudianos, até o estudo de textos do registro imaginário de Lacan, podemos avançar para o próximo capítulo dessa pesquisa e nos inteirarmos com outro enfoque no objeto de pesquisa estudado. Ou seja, a contextualização do período político do Brasil entre 2013 e 2017 e as coordenadas simbólicas e sociais que nos influenciam em nossos modos de subjetivação.

Capítulo 2 – Contextualização histórica do período abordado

A psicanálise não passa despercebida às mudanças políticas e sociais que permeiam a cultura, basta nos lembrarmos todo o caminho que foi feito desde o começo da sua criação no final do século XIX e sua articulação com os sintomas dos pacientes tratados por Freud com as questões da sociedade vitoriana e repressiva daquele período.

Outro momento em que é possível notar a influência da história no percurso da psicanálise é na relação de Jacques Lacan com o Maio de 68⁸ na França. Se por um lado analisava as massas dos protestos e dizia que o que eles queriam era “um novo mestre”, pelo outro ajudava grupos *maoístas* de estudantes inclusive seus, que faziam parte do movimento. Dessa forma, a obra de Lacan foi afetada pelo movimento, como fica evidente no Seminário 17 – *O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992) sobre os quatro discursos (e posteriormente, também na inversão que adapta o discurso do mestre ao discurso do capitalista) e na forma como enxergava os problemas institucionais da escola de psicanálise que fundou em 1964: a *École freudienne de Paris* (Laureano & Chaves 2014).

Se tratando do Brasil, pode-se falar de como a ditadura militar do período de 1964 à 1985 interferiu na prática dos psicanalistas brasileiros, como apontado por Mandelbaum, Rubin e Frosh em um artigo publicado em abril de 2018 intitulado *He Didn't Even Know There Was a Dictatorship': The Complicity of a Psychoanalyst with the Brazilian Military Regime*.

Nesse texto, os autores fazem referência ao caso bem documentado de Amílcar Lobo, um médico militar que era vinculado e recebia treinamento na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Lobo estava diretamente envolvido em casos de tortura provocados pelo regime nos chamados “Anos de Chumbo” da ditadura, período que compreende entre 1968 e 1974, do Ato Institucional nº 5 - que endurecia ainda mais a opressão do governo - até o fim do governo do general Médici, o período mais sangrento da ditadura.

O mesmo artigo ainda relata de forma contundente um novo caso de um psicanalista, dessa vez de São Paulo, chamado Emílio de Augustinis que foi vinculado a

⁸ Movimento em que estudantes iniciaram uma série de protestos e greves em prol de reformas educacionais. A reação violenta do governo provocou uma reação de mobilização ainda maior, em que partidos políticos e a força laboral do país se juntaram em grande número aos estudantes e provocaram a queda do presidente da época, *Charles De Gaulle*. Porém, os efeitos do movimento foram limitados e o governo desmobilizou as manifestações com a promessa de uma nova eleição (vencida por aliados do antigo presidente *De Gaulle*) e a promessa de aumento de salários que provocou o retorno dos trabalhadores as fábricas.

Sociedade Brasileira Psicanalítica de São Paulo (SBPSP) (que por sua vez, era vinculada a *International Psychoanalytic Association* - IPA) e que também estava envolvido em casos de tortura nesse mesmo período. As formas de envolvimento de Lobo e Augustinis se diferem, mas ambas mostram uma grande conivência de profissionais da psicanálise com as práticas desumanas perpetradas pelo governo da época. Enquanto o primeiro se envolvia de forma mais direta na cena de tortura e avaliava as vítimas sobre sua condição física e mental, o segundo era chamado para realizar exames psiquiátricos nas pessoas aprisionadas pelo governo.

Longe de se pensar nesses casos como situações isoladas, eles revelam de forma espantosa como o período de repressão e silêncio provocadas pelo regime afetaram a psicanálise como campo e os próprios psicanalistas. Como dito por Mandelbaum, Rubin e Frosh (2018) e também por Moreira, Bulamah e Kupermann (2014) esses casos revelam a conivência das Instituições de psicanálise da época por meio de tentativas de acobertamento desses escândalos quando esses vieram à tona, bem como pela própria ausência de crítica e posicionamento diante do conhecimento desses casos pelos próprios membros dessas instituições.

Também é relevante lembrar que certas instituições psicanalíticas da época exigiam uma “neutralidade” política como norma da instituição. O objetivo era de que seus membros e seus ideias não batessem de frente com o governo do período em questão, existindo inclusive, casos de psicanalistas que não foram admitidos como membros por terem ficha no Departamento de Ordem Política e Social, o famigerado DOPS, a polícia política da ditadura e uma das grandes responsáveis pelas torturas e assassinatos de opositores do regime (Moreira, Bulamah e Kupermann, 2014).

Além disso, Mandelbaum, Rubin e Frosh (2018) comentam do próprio caráter conservador e elitista da SBPSP daquele período. Se constituíam como um grupo pequeno e elitista, que cobrava caro dos psicanalistas que queriam se vincular à instituição. Situação que só foi modificada com o fim da ditadura e uma intervenção da IPA que ameaçou desvincular a SBPSP de sua associação.

Segundo os mesmos autores, tal caráter estava ligado intimamente com a forma a qual instituição pensava e fazia a psicanálise naquele período. Suas concepções acerca de opiniões ou engajamento político, bem como de resistência à ditadura, eram lidas na ordem como uma disfunção psicológica, passível de tratamento. Priorizava-se a “realidade interna” em detrimento da “realidade externa” dentro dessa suposta dicotomia, negando-se a influência que os eventos da vida social do sujeito têm em sua esfera psíquica íntima,

atribuindo o sofrimento e suas reações exclusivamente ao indivíduo e seus laços familiares (Oliveira, 2017). Dessa forma, se eximia o governo de responsabilidades nesse aspecto e “sustentam” a narrativa do governo eficiente com o país e seu povo, incapaz de provocar sofrimento nas pessoas, ao mesmo tempo que preserva as instituições e seus membros naquele período complicado da história do Brasil.

Essas visões desses grupos psicanalíticos eram próximas as concepções dos grupos direitistas e ditatoriais do período e evidenciam a forma como a psicanálise serviu, de certa maneira, como ferramenta ao Estado, tentando afastar e ignorar opiniões e movimentos políticos contrários ao governo, subvertendo a clínica numa função reguladora e auxiliadora de manutenção da ordem, por mais que as instituições e seus membros em sua maioria se declarassem “neutros” em relação ao seu posicionamento político (Oliveira, 2017). Se é que existe validade em se falar de neutralidade quando o que se evidencia é a conivência com um determinado sistema.

A psicanalista e historiadora da psicanálise Carmem Lucia Oliveira (2017) comenta de outros dois momentos anteriores marcantes da história da psicanálise no Brasil em que ela também se articulava com as concepções vigentes de sua época:

a primeira experiência que, por iniciativa de Arthur Ramos, atendeu cerca de duas mil crianças em quatro anos, quanto a segunda, a da Clínica de Orientação Infantil (que funcionou por mais de trinta anos) na capital paulista, haviam contribuído para a consolidação de um importante espaço de penetração da psicanálise na esfera social, ainda que praticada como método preventivo para “curar” desvios de comportamento, no quadro de uma concepção higienista da saúde mental (Oliveira, pág. 80, 2017)

Dessa forma, pode-se notar que o período histórico aos qual os psicanalistas estão sujeitos, interfere de diferentes maneiras em suas práxis. A teoria psicanalítica não está isenta de ser ameaçada ou subvertida em seu percurso, como podemos notar desde a ida de Freud para Londres para fugir do nazismo, ainda na década de 1930; passando pelas diferentes maneiras em que ela se moldou nos governos totalitários no mundo inteiro em meados do século XX, até a tentativa de reconciliação de estudiosos da teoria com os preceitos neo-positivistas das ciências naturais nos dias de hoje, a exemplo das neuropsicanálises (Kaplan-Solms & Solms, 2005).

O que também se verifica hoje, no entanto, são os próprios psicanalistas tomando parte na investigação e publicação de trabalhos (como os artigos citados acima) no sentido de expor o papel, por vezes equivocado, que a psicanálise teve nos períodos mencionados. Podemos citar, inclusive, o envolvimento direto da psicanalista Maria Rita Kehl no Relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014), produto final da comissão criada para

apurar e esclarecer as violações de direitos humanos durante o período ditatorial de 1964 a 1985, bem como uma extensa literatura atual que procura articular as teorias psicanalíticas com os contextos sócio históricos em que foram formadas e a sua relação com a subjetividade de seu tempo, como já citado anteriormente nessa dissertação. É esse processo de tentativa de retificação da psicanálise no decorrer de sua história, uma das características principais que contribuem para ela ainda ser uma área de conhecimento relevante e estudada em tantos lugares diferentes do mundo, depois de mais de um século após sua criação. Do contrário, o campo estaria sujeito ao anacronismo teórico e prático ao ignorar as transformações sociais que configuram a história e as suas consequências na civilização e seus indivíduos (Ota, 2011).

Tendo então como base essas relações da psicanálise com seu contexto histórico e o argumento de que o sintoma por vezes aparece como uma denúncia de uma lógica social que marca uma época, que se destaca a importância de se dedicar esse capítulo a um breve panorama social-político do período em questão: 2013 a 2017. Pretende-se, também, abarcar alguns antecedentes das condições políticas e históricas no mundo e no Brasil que culminaram nas manifestações de junho de 2013 e suas consequências na conjuntura brasileira nos anos seguintes.

2.1 Alguns contextos e antecedentes históricos

O ponto de virada da supremacia do capitalismo neoliberal pode ser pensado entre a década de 70 e 80, quando governos conservadores como o de Margaret Thatcher no Reino Unido e Ronald Reagan nos Estados Unidos empurraram uma agenda política neoliberal de diminuição do papel do estado, por meio das privatizações de empresas estatais de variados setores, como energia, transporte e telecomunicação. Não apenas isso, esse objetivo de desinflação do papel do Estado na economia passou também por medidas de fortalecimento do livre mercado, pela desregulamentação da economia, pela diminuição de impostos e por uma luta contra as políticas de bem-estar social (*Welfare State*), que antes apareciam de forma proeminente na década de 60, mas que entraram em decadência por conta da crise fiscal nesses países nos anos posteriores.

Entretanto, as origens do pensamento neoliberal são mais antigas, se pegarmos como referência o Colóquio Walter Lippmann em 1938 na cidade de Paris como um ponto de partida, como nos conta Pierre Dardot e Christian Laval no livro *A Nova Razão do*

Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal traduzido e publicado em língua portuguesa em 2016.

Segundos os autores, o Colóquio foi o primeiro momento em que pensadores que viriam a ser relevantes no campo neoliberal, como Friedrich Hayek e Jacques Rueff, se reuniram para discutir uma nova maneira de pensar o liberalismo clássico, que não muitos anos antes, provocara a crise de 1929, chamada de a Grande Depressão. Não só isso, após o advento dessa crise, novas formas de governo estavam tomando seu espaço na conjuntura política europeia, como o socialismo, implementado na Revolução de 1917 na Rússia e responsável pela extinção da monarquia daquela país, e os governos fascistas totalitários que ganhavam força em países da Europa ocidental, como a Alemanha e a Itália (Dardot e Laval, 2008/2016).

O Brasil, a exemplo de muitos outros países no mundo, seguiu a agenda neoliberal a partir do processo de redemocratização em 1985, e começou o desmonte do Estado desde então. Foi apenas a partir do governo de centro-esquerda de Luís Inácio Lula da Silva que algumas políticas contrárias ao neoliberalismo voltaram a ganhar algum folego - como o bolsa-família e as cotas nas universidades - mas tudo em caráter bem pontual, sem que houvesse uma quebra no sistema vigente.

No entanto, segundo Dardot e Laval (2008/2016), mais do que pensar o neoliberalismo como uma política econômica ou como uma ideologia, temos que pensa-lo como uma racionalidade que configura o modelo em que governo e povo atuam em seus papéis, agora atravessados predominantemente pela ideia da concorrência. É uma tomada dos processos de subjetivação pela tutela dessa racionalidade da supremacia da ordem econômica, que tenta englobar todos em seu sistema.

Dessa forma, não houve apenas uma redução do papel do Estado em suas capacidades de promoção cultural, política, social, e verdadeiramente democrática, mas sim uma transformação desse pelas normas do neoliberalismo. Ele ocupa agora um papel empresarial, que se preocupa em ordenar e regular o mercado para mantê-lo livre de uma interferência estatal planificadora e limitadora e promove sua lógica concorrencial em todos os aspectos, abordando os governantes como administradores, passíveis de demissão, caso não cumpram suas “metas” e olhando para o povo como clientes, aos quais ele apenas presta serviços. Se despolitiza a política e expõe sua natureza antidemocrática em troca dessa mentalidade atravessada primordialmente pelos valores de interesses do mercado.

A capacidade do neoliberalismo de se adaptar é enorme, tanto que entram e saem governos de direita e esquerda, períodos de crescimento econômico e crises e o capitalismo

neoliberal não se altera fundamentalmente. Pelo contrário, com a recente crise econômica dos *subprimes* de 2008, ele se mostrou mais capaz de absorver positivamente os efeitos da crise do que de ter sua estrutura abalada:

“...o neoliberalismo, apesar dos desastres que engendra, possui uma notável *capacidade de autofortalecimento*. Ele fez surgir um sistema de normas e instituições que comprime a sociedade como um *nó de força*. As crises não são para ele uma ocasião para limitar-se, como aconteceu em meados do século XX, mas um meio de prosseguir cada vez com mais vigor sua trajetória de ilimitação. O capitalismo, com ele, não parece mais capaz de encontrar compensações, contrapartidas, compromissos. A maneira como a crise de 2008 foi provisoriamente superada, com uma inundação de moeda especulativa emitida pelos bancos centrais, mostra que a lógica neoliberal escapa de maneira extraordinariamente perigosa.” (Dardot e Laval, pág.7-8, 2008/2016)

Portanto, ao contrário do que muitos pensam, o Estado é fundamental dentro do neoliberalismo, para que este possa vir ao socorro do mercado se assim necessário e para encontrar maneiras de facilitar sua perpetuação, mesmo que por meio de políticas econômicas impopulares de austeridade, como por exemplo o que foi visto na Europa pós 2008.

Em prol da dita boa governança e de se manter dentro dos parâmetros de endividamentos postulados pela União Europeia (UE), diversos países enxugaram os seus gastos públicos, diminuindo os auxílios para a população e a qualidade dos serviços, entre outras medidas de corte orçamentário. Países com economias menores, como a Grécia sofreram pressões da UE até concordarem com os termos impostos pela União e como consequência, sofreram cortes draconianos em seu orçamento geral, incluindo aí os investimentos feitos em sua rede de apoio a população do país.⁹

No entanto, também grandes economias como o Reino Unido, já mostram os efeitos da austeridade e sentem o desgaste depois de anos da implementação dessas políticas no que se refere a qualidade de vida da população no país, sendo comparada agora com os Estados Unidos em se tratando dos níveis de violência que aumentaram, da redução drástica no orçamento para as suas políticas de *Welfare State* entre outras precarizações da rede pública britânica.¹⁰ Ou seja, o Estado tomado como empresa, nessa ótica gerencial, deixa de se importar com as insatisfações e anseios do povo e prioriza políticas de classe, onde quem paga a conta da redução de orçamento são as classes assalariadas, os

⁹ *Greece bows to European pressure and approves new austerity measures*: Acessado no dia 28/04/2018 em <http://www.dw.com/en/greece-bows-to-european-pressure-and-approves-new-austerity-measures/a-15143877>

¹⁰ “*In Britain, austerity is changing everthing.*” <https://www.nytimes.com/2018/05/28/world/europe/uk-austerity-poverty.html> Acessado no dia 28/04/2018

aposentados e as camadas sociais mais pobres, que mais necessitam das redes de apoio do governo.

Do outro lado, essa racionalidade neoliberal também afeta o indivíduo e seu modo de subjetivação. Vivemos na era do sujeito que se comporta e cria sua própria imagem como uma empresa. Ele trabalha e cria seus objetivos nessa ótica empresarial, investe em si mesmo e toma o seu próprio valor à luz das percepções do que os outros valorizam nele, completando o paralelo perfeito entre o indivíduo atual e as empresas dentro do capitalismo financeiro especulativo, onde o valor de uma empresa está além daquilo que ela produz de fato, mas sim na percepção dos valores agregados àquela imagem, ou seja, a marca (Leopoldi, 2009). Não sem motivo, estamos na época de inflação de fenômenos como os *Coaching*, a auto-ajuda, o empreendedorismo individual supervalorizado com suas *start up*.

Dentre as consequências principais dessa forma de subjetivação, podemos destacar a participação do narcisismo, devido ao enfoque atrelado a própria imagem do indivíduo e a individualização dentro das relações na sociedade, em ações coletivas, por decorrência dessa racionalidade neoliberal voltada para a competição.

Logo, se ocorre essa inflação da sua própria imagem, se é a competição a racionalidade vigente nas suas relações com os outros, a forma como o indivíduo se coloca na sociedade favorece determinados tipos de afeto, como a angústia, o medo, a raiva, a posse, a inveja, a paranoia entre outros estados. Logo, manifestações de violência com origem na intolerância, na dificuldade de enxergar o outro que é diferente são, então, um resultado anunciado.

Essas consequências favorecem também, ideologias pautadas nesses afetos. A onda neoconservadora que vem ganhando espaço desde o final do último século no Brasil e no mundo, bem como a luta pelo reconhecimento e a equidade de direitos das minorias é uma das evidências desse fenômeno.

Dessa forma, o neoliberalismo se coloca mais do que uma mera política de Estado, ganhando status de uma racionalidade que representa um momento histórico pelo qual ainda estamos passando, provocando novas formas de subjetivação, ou seja, um sujeito que conduz a vida em sociedade dentro dessa esfera. Aprofundaremos nas consequências dessas questões mais adiante, no decorrer deste capítulo e no seguinte.

2.1.1. As manifestações que tomaram as ruas em 2011

Uma das rupturas mais evidentes do século XXI com o século anterior é quando a partir do final de 2010, diversos países de cultura árabe iniciaram uma série de protestos e revoltas reivindicando os mais diversos objetivos: desde melhorias gerais em suas condições de vida até reivindicações mais políticas, como a renúncia de ditadores e a realização de eleições diretas com a participação do povo. Era a chamada “Primavera Árabe”¹¹ (Carneiro, 2012).

Tudo começou na Tunísia, quando um jovem ateou fogo no próprio corpo em protesto as condições de vida no país, depois de ter tido sua banca de verduras confiscada pelo governo. A população, tomando esse ato como o estopim de uma insatisfação geral das condições precárias a que eram submetidos pela ditadura de *Zine El Abidine Ben Ali* (no poder a mais de 23 anos até então) toma as ruas e no período de apenas 1 mês consegue a renúncia do ditador. No ano seguinte, consegue ter suas primeiras eleições em mais de 20 anos.

Já em 2011, foi a vez do Egito. Vendo o sucesso dos tunisianos na chamada “Revolução de Jasmim”, milhões de egípcios cansados do regime de opressão da longa ditadura de mais de 30 anos do então chefe de estado, *Hosni Mubarak*, iniciam sua própria onda de revoltas e protestos, a “Revolução de Lótus”, que culminou na deposição do ditador no dia 11 de fevereiro. Foi feito até um documentário pela produtora de conteúdo e serviço de *streaming Netflix*, chamado *The Square* (em referência a praça *Tahrir*, um dos palcos e símbolos da revolução). No documentário, é possível ver os bastidores dos protestos e a complexidade das questões entre diversos grupos diferentes como a Irmandade Muçumana, o exército egípcio e os civis. Também é mostrado o papel importante que as redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter* tiveram nesse período, servindo como meio de comunicação e articulação na mobilização popular durante todo o movimento da revolta. A Primavera Árabe continuou por vários países como Líbia e a Síria, onde se desenvolveu em conflito armado, e também para outros países do oriente médio e do norte da África.

Concomitantemente, em 2011, vários outros movimentos populares ganharam as ruas ao redor do mundo. Protestos e greves ocorreram na Grécia e na Espanha, países que sofreram bastante com a crise econômica de 2008. No Chile, estudantes se organizaram e

¹¹ Termo amplamente utilizado pela mídia ocidental para se referir a essa série de revoltas, mas não utilizado pelos próprios países “revoltosos”. (UNAOC, 2011)

protestaram em prol de uma educação pública livre e de melhor qualidade, num movimento que teve apoio de diversos outros setores da sociedade e tornaram o governo do conservador *Sebastián Piñera*, enfraquecido (Carneiro, 2012).

Já em Londres, um protesto contra a polícia que havia matado um jovem de forma equivocada se desenvolveu em uma onda de tumultos que provocou destruição e roubos em grande parte da região norte da cidade, assim como em outras cidades inglesas a exemplo de Manchester e Birmingham.¹²

Nos Estados Unidos a manifestação que teve grande destaque foi o movimento *Occupy Wall Street*, no qual jovens ocuparam o *Zuccotti Park* no distrito de *Wall Street*, um dos grandes centros financeiros dos Estados Unidos e do mundo. As reivindicações eram desde menos desigualdade social e econômica, o fim da influência das grandes empresas na política americana e até a concentração de renda. Os membros desse movimento se identificavam como os “99%” contra os “1%”, fazendo alusão à distribuição de renda na população mundial, onde o 1% mais rico da população possui mais dinheiro do que o restante dos 99% juntos.

Esses movimentos possuem certas características em comum, apesar de suas reivindicações serem em sua maioria, pautas domésticas. Têm em comum o fato de terem formas de luta e protesto bem parecidas; de terem uma noção de solidariedade comum; em todas elas as redes sociais tiveram um papel fundamental na articulação, divulgação e no debate sobre esses movimentos e todas surgem de um sentimento de insatisfação política com seus governos, sejam pelas consequências da crise dos *subprime* de 2008, sejam por motivos específicos da sua região (Tostes e Silva, 2015).

Dessa forma, é possível pensar toda essa onda de protesto como o início de um questionamento da legitimidade das instituições políticas e seus atores tradicionais, que provocaram uma nova crise mundial, mas que, no entanto, ainda preferem ajudar as grandes instituições financeiras, empresas e seus interesses políticos em detrimento do povo e seu bem-estar em um momento de dificuldade geral. Um dos grandes exemplos dessa situação é o plano de resgate bancário feito pelo governo americano com valores na casa das centenas de bilhões de dólares enquanto o país enfrentava as maiores taxas de desemprego em sua história desde a grande recessão de 1929¹³.

¹²“*England Riots: Map and timeline*” Acessado no dia 28/04/2018 em <http://www.bbc.co.uk/news/uk-14436499>

¹³ EUA: Principais medidas adotadas nos últimos meses para salvar o sistema bancário. Acessado no dia 29/04/2018 em <https://www.terra.com.br/noticias/eua-principais-medidas-adotadas-nos-ultimos-meses-para-salvar-o-sistema-bancario.a02ae9f6e80ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Diante essa crise, o campo político reage, dando lugar a figuras antes sem protagonismo no cenário político do século XXI. Esses novos atores políticos considerados como novas opções à política tradicional tem as mais diversas origens e inclinação políticas, aparecendo de variadas formas em seus países.

Por um lado, a esquerda teve sucesso em se assegurar no poder como na Espanha, com a criação e eleição do candidato do partido *Podemos*, a reminiscência dos protestos e greves do movimento dos *Indignados* em 2011. Também teve relativo sucesso na Grécia com a eleição do primeiro ministro *Alexis Tsipras* do partido de esquerda *Syriza* (Tostes e Silva, 2015).

Todavia, a direita também teve vitórias importantes no embate político. Primeiramente, em 2016, foi a vitória do sim no plebiscito que questionou aos britânicos se eles gostariam que o Reino Unido se retirasse da União Europeia, opinião defendida pelo partido conservador e de inclinação direitista.¹⁴ O segundo momento foi a surpreendente eleição do candidato *Donald Trump* ao cargo de presidente dos Estados Unidos da América (EUA) alguns meses depois. Interessante notarmos a grande polarização ocorrida nas eleições estadunidenses mesmo ainda na fase das eleições primárias, onde são decididas quais serão os candidatos de cada um dos dois grandes partidos: republicano e democrata.

Hillary Clinton, a candidata escolhida pelo partido democrata, disputou até o fim contra o senador *Bernie Sanders* que gozava de grande prestígio por parte dos jovens e dos setores mais à esquerda da sociedade americana, principalmente após a ocorrência do movimento *Occupy Wall Street* que mostrou a existência dessa face política que por vezes é considerada inexistente no país (Tostes e Silva, 2015). Do outro lado, *Donald Trump*, um *outsider* do campo político, usava de sua retórica populista para vencer nomes mais tradicionais da política americana como o republicano *Ted Cruz*. Tostes e Silva (2015) comentam desses efeitos no cenário político estadunidense: “...após os movimentos sociais terem tomado espaço nos dois lados do Atlântico, os radicalismos de direita também apareceram. Não apenas *Bernie Sanders* surgiu como uma surpresa eleitoral, mas por outro lado, o partido republicano também se extremou com a indicação de *Donald Trump* à presidência” (pág. 259). Portanto, isso mostra como a tomada das ruas não foi uma

¹⁴ É importante ressaltar as tensões em que essas decisões foram tomadas. Alguns dias antes da votação, marcada para o dia 23 de junho, uma deputada do Partido trabalhista e pró permanência do Reino Unido na União Europeia foi assassinada na cidade de Birstall, seu domicílio eleitoral, por um homem que, segundo relatos da imprensa britânica, gritou “Reino Unido primeiro”, fazendo referência ao lema nacionalista do partido de ultra-direita *Britain First*. Apesar de não ter conexões diretas com esse partido e aparentemente ter agido sozinho, o assassino tinha conexões com um partido de extrema direita estadunidense. (Apnews, 2006)

exclusividade da esquerda, permitindo que outras ideologias políticas se beneficiassem dessa crise geral de legitimidade das instituições políticas.

Além disso, pode-se citar a vitória do partido de extrema direita francês *Frente Nacional* de *Marie Le Pen* ao conseguir ir para o segundo turno, assim como outras disputas eleitorais em países europeus como a Áustria e a Holanda que tiveram candidatos direitistas concorrendo com bons números na corrida eleitoral.¹⁵

Já o Brasil, não escapa aos efeitos da crise de 2008, e a crise de legitimidade política que atingiu o mundo de forma mais evidente nesse ano de 2011, chega ao Brasil em 2013 e o primeiro grande palco para a população mostrar a sua insatisfação são as manifestações de junho desse mesmo ano. Também foi a primeira grande arena na história recente do país em que indivíduos com ideologias tão diferentes entraram em rota de colisão e mudaram o cenário político brasileiro nos anos que se seguiram. Abordaremos esses acontecimentos na próxima sessão.

2.2. Breve panorama histórico-social do período estudado: 2013 – 2017 no Brasil

Era o ano de 1992 quando mais de 100 mil pessoas tomavam a Avenida Rio Branco no centro do Rio de Janeiro pedindo o *Impeachment* do então presidente, Fernando Collor de Melo, devido as denúncias de corrupção. O movimento foi chamado de os carapintadas e era composto em sua maioria por jovens com os rostos pintados de verde e amarelo exigindo a renúncia ou a deposição do primeiro presidente eleito por voto direto após o fim do regime ditatorial militar. Além dessa manifestação no Rio, diversas outras capitais como São Paulo e Recife também registraram a movimentação de centenas de milhares de pessoas protestando em torno dessa mesma causa.

O cerco se fechou para Fernando Collor após a divulgação do relatório da CPI redigido pelo senador Amir Lando que apontava gastos de mais de 6 milhões de dólares para o uso pessoal do presidente. Houve então a mobilização da mídia, de setores políticos descontentes e da população como um todo exigindo a sua renúncia, que ocorreu alguns meses depois, quando o processo de *impeachment* estava prestes a ser votada no senado.

Foi preciso mais de vinte anos para que a sociedade brasileira se mobilizasse de maneira similar em uma grande onda de manifestações populares, com estimativas dos números de participantes chegando a mais de um milhão de pessoas nas ruas. Foram as

¹⁵ França freia extrema direita, mas suas ideias prosperam. Acessado no dia 29/04/2018 em <https://istoe.com.br/franca-freia-a-extrema-direita-mas-suas-ideias-prosperam/>

chamadas “Jornadas de Junho” no ano de 2013 e é esse o nosso ponto de partida do período estudado. Não desconsiderando todo histórico de lutas e manifestações de movimentos como o Movimento do Sem Terra (MST) ou dos sindicatos de trabalhadores, mas no ano de 2013 ocorre uma drástica mudança nas características das manifestações e dos sujeitos que ocuparam as ruas: “novíssimos atores entraram em cena e mudaram o panorama das manifestações no Brasil com multidões nas ruas após serem convocadas por redes sociais *on-line*.” (Gohn, pág. 129, 2016).

Organizadas pelo *Movimento Passe Livre* (MPL), as passeatas tiveram sua raiz no início em fevereiro de 2013, quando 200 pessoas saíram às ruas para reivindicar contra um aumento das passagens no transporte público na cidade de Porto Alegre. O movimento não possuiu um efeito inicialmente, porém em abril do mesmo ano conseguiram uma liminar da justiça para o reajuste do valor. Essa movimentação bem-sucedida foi geradora de diversas mobilizações similares em outras cidades em todo o Brasil (Scherer-Warren, 2014). Em junho do mesmo ano eclodiram os primeiros protestos na cidade de São Paulo, convocados pelo mesmo movimento. Tais mobilizações iniciaram com um pensamento unilateral na defesa de uma pauta única, o aumento das tarifas dos transportes públicos da cidade, ou seja, uma reivindicação com caráter popular e previamente planejada, discutida em assembleia entre os membros do movimento MPL (Secco, 2013).

Com o aumento de visibilidade provocado pela truculência policial contra os manifestantes e a repercussão provocada nas mídias virtuais, ocorre um engajamento populacional em todo país. Nos dias que se seguiram, centenas de milhares de pessoas de diversas ideologias, muitas vezes de caráter antagônico, aparecem nas ruas trazendo consigo suas próprias pautas e reivindicações: uso indevido do dinheiro público como na vindoura Copa de 2014, a luta contra a corrupção, mais investimento em saúde e educação entre outras que tiveram destaque.

Vale ressaltar a importância dos registros, divulgações e convocações realizadas por intermédio das mídias online alternativas, fenômeno não antes visto no Brasil em tão grande escala. A exemplo da onda de protestos no mundo em 2011 comentada na sessão anterior, as redes sociais, como *Facebook* e *Twitter* foram uma plataforma muito utilizada por jovens brasileiros tanto para o debate político quanto para a organização de movimentações. Durante o período, algumas das postagens que apareciam com frequência pediam para as pessoas que moravam nos arredores das manifestações que liberassem suas redes de internet para que os manifestantes pudessem utilizar o acesso online para se

comunicar e registrar os acontecimentos,¹⁶ evidenciando o papel fundamental que a internet teve nesse período.

A heterogeneidade dos participantes das manifestações não vem sem consequência, ocorrendo conflitos verbais e por vezes confrontações físicas no decorrer daquele período. Uma das razões de conflitos eram as diferentes preferências políticas, sendo grupos que se diziam “sem partido” contra outros grupos que se identificavam ideologicamente com alguns partidos de esquerda dentro das manifestações que, apesar de terem começado por um movimento apartidário (MPL), não era anti-partidário. Isso evidencia a presença tão plural dos grupos ali presentes, contendo desde setores extremistas que faziam críticas conservadoras as instituições democráticas, até grupos de racionalidade mais progressista, do outro lado no espectro político. O que ajuda a elucidar porque não eram demandas específicas da esquerda brasileira, grupos tradicionalmente mais engajados em protestos de rua, que estavam exclusivamente em discussão: outras pautas de conteúdo mais conservador também se mostraram presentes (Scherer-Warren, 2014).

A própria existência desses grupos apartidários e anti-partidários servem como indicativo da crise de legitimidade que os políticos brasileiros e seus partidos sofreram num primeiro momento. Segundo Secco (2013), dados coletados pela Folha de São Paulo indicavam que 84% dos participantes das manifestações no dia 17 de junho se declaravam sem preferência partidária. Cartazes representando esse sentimento eram comuns, como citou Pinto:

Essas demandas não eram marcadas ideologicamente; eram, entretanto, contra a política; exemplos de cartazes trazidos pelos manifestantes são ilustrativos: ‘o povo unido não precisa de partido’; ‘ou para a roubalheira ou paramos o Brasil’; ‘meu partido é meu país’; ‘saímos do Facebook’; ... (Pinto, pág. 135, 2017)

Porém, essa trajetória discursiva se altera nos anos seguintes, primeiro com as manifestações contra a copa de 2014 e as eleições no mesmo ano e posteriormente em 2015 com as manifestações *pro-impeachment* da presidenta eleita Dilma Rouseff (Pinto, 2017).

A copa do mundo de 2014 sediada no Brasil, teve seu jogo inaugural no dia 12 de junho em São Paulo e um dos momentos marcantes daquele dia não está relacionado com futebol, mas sim com política. A presidenta Dilma Rouseff, ao ter seu nome anunciado no estádio, sofreu vaias do público brasileiro presente que representava um determinado

¹⁶ “Libere seu wi-fi e senha durante as manifestações” Acessado 29/04/2018 em <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/libere-seu-wi-fi-e-senha-durante-as-manifestacoes/>

estrato da sociedade, que tinha condições financeiras de pagar pelos ingressos extremamente caros disponibilizados aos brasileiros. No entanto, esse não foi o primeiro ato de anti-petismo no país. Esse sentimento começou antes, no decorrer do ano de 2014 com os protestos anti-copa conduzidos por diferentes grupos com inclinações políticas próprias. Enquanto alguns grupos associavam os gastos do governo com a copa à figura do partido do PT (Partido dos trabalhadores) e davam espaço a figuras políticas conservadoras, outros grupos, de inclinação mais à esquerda e com origens em movimentos sociais protestavam também contra o governo e a higienização das cidades, entre outros motivos, mas com diferenças ideológicas claras com outros grupos (Pinto, 2017).

Isso também mostra a crise de legitimidade que o governo do PT sofreu depois de três mandatos consecutivos que não cumpriram com os anseios históricos da militância do partido e marcado por escândalos de corrupção que foram capitalizados pela oposição. Em meio a esse vácuo discursivo deixado pelo PT, esquerda e direita tentavam tomar as rédeas da narrativa como comenta Pinto:

Esse fluxo de discurso conservador surgiu em um momento que havia um discurso radical de esquerda circulando, que interpelava grupos específicos e minoritários...Entretanto, não havia o grande articulador do povo, o discurso que simbolizava o líder. O discurso petista, que, por longos anos, havia ocupado esse espaço, estava em crise. Esse foi o caldo de cultura que propiciou a liderança difusa de grupos nas redes sociais, que começaram a articular um novo discurso conservador com apelo popular. (Pinto, pág. 142, 2017)

Como consequência, a hegemonia do Partido dos Trabalhadores entra em crise, com a figura da Dilma sendo o alvo escolhido pelos partidos e grupos políticos da direita no Brasil como o ponto de convergência das insatisfações dessa parte da população.

As eleições de 2014, apesar de vencidas novamente por Dilma Rouseff, foram acirradas, sendo a diferença percentual da margem de votos dela para o candidato do partido de direita PSDB (Partido Social Democrata do Brasil) Aécio Neves apenas de 3,28%¹⁷. Também foi a eleição que elegeu o congresso mais conservador desde o período da ditadura militar em 1964.

Esses resultados eleitorais apertados e muito polarizados tiveram repercussão nas redes sociais, que demonstrou a forma como o país estava se dividindo, registrando um primeiro grande *boom* de violência pautada na intolerância e preconceito nas redes sociais.

¹⁷ Parceria para divulgação de resultados Eleições 2014. Acessado no dia 29/04/2018 em <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2014/votacao-e-resultados/parceria-divulgacao-resultados-2014>

A Central Nacional de Crimes Cibernéticos¹⁸ registrou um aumento de 84% nas denúncias de crime de ódio, incluindo aí xenofobia, homofobia, racismo, neonazismo, crimes de intolerância contra minorias como um todo.¹⁹

Em 2015 com o país tão dividido, setores ligados à direita e ao PSDB, insatisfeitos com o resultado das eleições, organizam manifestações no mês de março pedindo o *impeachment* da presidenta eleita. Esse discurso já se inicia logo após a divulgação dos resultados em 2014, mas foi apenas no ano seguinte que esses grupos conseguiram se mobilizar e colocar nas ruas mais de 2 milhões de pessoas, segundo dados coletos nos portais de notícia online.²⁰

Interessante notar as diferenças entre essas manifestações de 2013 e 2015 e a trajetória discursiva desses movimentos. Enquanto em 2013 o sentimento geral era de ceticismo com a política como um todo, em 2015 era o antipetismo, centralizado na figura da Dilma, que imperava. O perfil demográfico dos participantes também era diferente: em 2013 a população brasileira como um todo estava representada, tendo grupos de todas as idades, estratos sociais e orientações políticas reunidas num mesmo momento. Já em 2015, o perfil dos participantes era bem mais específico: população de classe média e alta, branca e de orientações políticas conservadoras, sendo comum, inclusive, cartazes pedindo intervenção militar, com frases rechaçando o comunismo e ideias de esquerda como um todo.

No ano seguinte, em meio a muita divergência, a presidenta Dilma sofre o processo de *impeachment* num processo que dividiu mais uma vez a opinião pública. De um lado, os partidos de oposição, junto aos movimentos neoconservadores que organizaram as manifestações de 2015 como o MBL (Movimento Brasil Livre) acusavam a presidenta de crime de responsabilidade fiscal por conta da prática de “pedaladas fiscais” e pela edição de decretos de abertura de crédito sem autorização do Congresso, mostrando aí a ótica neoliberal do bom político como o bom administrador de negócios. Do outro, movimentos sociais e organizações sindicais com parte da população demonstravam apoio a favor da presidenta e alegavam que as práticas por ela cometidas não caracterizavam crime de responsabilidade. Dilma, tendo uma minoria parlamentar a seu favor, tanto no Congresso

¹⁸ Rede para denúncias anônimas de delitos contra direitos humanos e animais

¹⁹ Crimes de ódio em redes sociais disparam no período eleitoral. Acessado no dia 25/04/2018 em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1530211-crimes-de-odio-em-redes-sociais-disparam-no-periodo-eleitoral.shtml>

²⁰ Protestos contra governo e corrupção reúnem 2 milhões pelo Brasil, dizem PMs. Acessado no dia 25/04/2018 em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/protestos-contr-governo-e-corrupcao-reunem-mais-de-2-milhoes-pelo-brasil-dizem-pms.htm>

como no Senado, acaba sofrendo o *impeachment* e quem assume é o seu vice, Michel Temer, tido como um dos articuladores de todo o processo²¹. Tal evento só acirra os ânimos e a divisão pública: por um lado os grupos conservadores comemorando a saída da presidenta, do outro os grupos de esquerda acusando todo o processo como um golpe. O fato é que depois desse processo de interrupção das vias democráticas no país, a sociedade brasileira ficou ainda mais dividida, mais intolerante com o próximo que é diferente. Se já haviam conflitos registrados desde as manifestações de 2013, os anos seguintes só mostraram um aumento desses confrontos, tanto na internet como nas ruas.²² Basta acompanhar os portais de notícias da internet para ver várias notícias dedicadas a esses embates, bem como fazer uma simples pesquisa em fóruns de discussão online, ou estar presente em alguma rede social como o *Facebook* para constatar a polarização de ideologias políticas nas redes nesse período estudado.

Ícones que representam ambos os lados, vem ganhando espaço nos últimos anos, seja na esfera da sociedade civil como no *Youtube* e programas e jornais de TV aberta ou dentro do próprio campo de representação política com figuras como o deputado ultraconservador Jair Bolsonaro (nome forte nas intenções de voto para presidente em 2018) que, inclusive, já foi condenado por crimes de apologia ao estupro e injúria contra uma deputada de oposição e também por crimes de danos morais contra comunidades quilombolas, além de enfrentar acusações de crime de racismo. Outros exemplos são os nomes do ex-presidentes Dilma Roussef e Luís Inácio Lula da Silva, que lidera as intenções de votos para 2018²³, e artistas de orientação política de esquerda como Gregório Duvivier e Letícia Sabatella.

Não é de se espantar, então, que em um país tão grande e plural em que a população se identifica ideologicamente com personalidades e candidatos tão distintos, numa diversidade de pautas progressistas e conservadoras, as formas de violência pautadas pela preconceito e intolerância ao diferente sejam bem presentes. Dados mostram que o Brasil em meio a todo esse processo de divisão política teve em 2017, o ano com o maior número de assassinatos da população LGBTI, segundo relatório do grupo GGB (Grupo Gay da

²¹ Impeachment de Dilma Roussef marca ano de 2016 no congresso e no Brasil. Acessado em 15/04/2018 em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>

²² O perfil da intolerância ideológica no Brasil. Acessado no dia 15/05/2018 em: <http://jornal.usp.br/atualidades/o-perfil-da-intolerancia-ideologica-no-brasil/>

²³ Lula tem 31%, Bolsonaro 15%, Marina 10% aponta pesquisa Datafolha para 2018. Acessado no dia 16/04/2018 em <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-31-bolsonaro-15-marina-10-aponta-pesquisa-datafolha-para-2018.ghtml>

Bahia) que coleta esses dados desde 1980.²⁴ O Atlas da violência do mesmo ano, mostra o Brasil como um país racista em que a cada 100 pessoas assassinadas no país, 71 são negras. Podemos citar, também, o Mapa da violência de 2015, que colocou o Brasil em 5º lugar no mundo em feminicídios, ou seja, em assassinatos cometidos contra mulheres fundamentalmente pela condição delas serem mulheres.

Enfim, os exemplos são os mais diversos e mostram a condição política e social vivida no Brasil e apontam para as seguintes perguntas: quais as condições psíquicas e sociais que permitem esse panorama intolerante e violento que corre pelo país de modo tão presente nesses últimos anos? O que a psicanálise como chave de leitura pode ajudar a elucidar nesses fenômenos atuais?

²⁴ ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente. Acessado no dia 16/04/2018 em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-foi-diz-parente.htm>

Capítulo 3 – Articulações da psicanálise e sociedade

Nesse capítulo, primeiramente abordaremos brevemente alguns trabalhos sobre o tempo histórico atual da sociedade e as suas relações e consequências nos indivíduos. Num segundo momento faremos uma articulação propriamente dita entre os conceitos e noções psicanalíticas abordados no primeiro capítulo, com algum dos fenômenos sociais visto no Brasil dos últimos anos, principalmente entre 2013 e 2017, período privilegiado no recorte da pesquisa realizada.

3.1 Indivíduo e sociedade: algumas tensões

A relação do indivíduo com a sociedade é objeto de estudo já há muitas gerações de pesquisadores do mundo contemporâneo. O campo da sociologia, das ciências políticas, da psicologia e da psicanálise são vastos e longe de se pensar num esgotamento na área, a produção de conhecimento nesse território só aumenta e se atualiza a cada ano e contexto diferente que a sociedade se encontra.

Dentre algumas teorias marcantes do século XX, podemos citar a que foi desenvolvida pelo francês Guy Debord²⁵, no livro *A Sociedade do Espetáculo*. Publicado originalmente em 1967, a obra ganhou fama no ano seguinte, devido aos eventos dos protestos de maio de 1968 na França.

Partindo da ideia que as relações sociais são pautadas por imagens, pelo espetáculo, Debord desenvolve esse trabalho como uma crítica ferrenha ao capitalismo moderno, onde tudo é mercantilizado e mediado pelo consumo. Desse modo, a imagem se torna não apenas um subproduto da economia, mas sua própria característica e razão final (Debord, 1967/2003).

Segundo o autor, isso só ocorre devido ao modo de produção capitalista, que provoca uma alienação dos indivíduos na dinâmica do espetáculo (Debord, 1967/2003). A mídia, as marcas, o culto as celebridades, a obsessão com as redes sociais, são todas facetas da espetacularização da vida cotidiana.

Como consequência, o foco dentro dessa produção é a aparência: a imagem do que se produz vale mais do que a referência material daquele trabalho. O que dá margem para

²⁵ Filósofo e crítico cultural francês, fez parte dos eventos de maio de 1968 na França e foi um dos fundadores e membro da Internacional Situacionista, grupo político e artístico insatisfeito com os rumos da sociedade capitalista.

todas essas profissões atuais como blogueiros, vlogueiros, modelos de *Instagram*, enfim, profissões embasadas na imagem e no espetáculo da vida cotidiana.

Dessa maneira, a sociedade qualifica aquilo que é bom de acordo com sua capacidade de aparecer, de estar no centro das atenções, valorizando assim o ideal narcísico, a libido direcionada a imagem. Tal modo de relação social evidencia o cúmulo dos ditados populares “falem mal mais falem de mim” e “quem não é visto não é lembrado”.

Mesmo sendo escrita em 1967 e republicada algumas vezes durante as décadas seguintes, essa obra ainda se mantém atual e relevante, mesmo que possua mais características descritivas do que explicativas da sociedade atual.

Outro trabalho que podemos citar que articula questões da sociedade e suas implicações no indivíduo é o texto *Por uma crítica de economia libidinal* (2008) do pesquisador e filósofo Vladimir Safatle²⁶. Fazendo um percurso que passa por Weber, Freud e Lacan, o autor mostra como existe uma diferença importante entre os modos de subjetivação da época de Freud para os dias atuais.

Safatle (2008) comenta como a lógica do capitalismo de trabalho, atravessada pela ética protestante, provoca no indivíduo a renúncia do prazer como coordenada simbólica cultural em sua vida. Tomando como base Max Weber, o autor diz como esse modo de produção favoreceu a instância psíquica de um super eu repressor e sádico. Desse modo, as formas de subjetivação encontradas na época de Freud nas histéricas e obsessivos, eram atravessadas por essa dimensão da repressão sexual.

O autor ainda comenta como o super eu, instrumento cultural para manter a lei moral, teve uma função social preciosa na consolidação do capitalismo de produção, se diferenciando do que ocorre hoje no modo de produção capitalista de acumulação. Desse modo, as características que definem essa instância psíquica do super eu são alteradas: ao invés da ostensiva repressão pulsional mantenedora da “pureza moral” da sociedade, temos agora uma economia libidinal que favorece um super eu atravessado por aquilo que Lacan identificou como o imperativo do gozo, como consequência.

Essa nova economia libidinal ilustra uma passagem do capitalismo de produção para o capitalismo de consumo, e arrasta consigo a passagem da ética repressora para uma ética de direito ao gozo, já que para a sua existência, o modo de produção capitalista de

²⁶ Professor do departamento de filosofia do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP) da Universidade de São Paulo (USP). Publica trabalhos articulando filosofia e psicanálise como *Paixão do negativo: Lacan e a dialética* (Unesp, 2006).

acumulação exige uma procura ao gozo constante como força motriz para se obter a flexibilidade infinita de produtos e imagens que devem compor o universo do consumismo.

Portanto, ao invés de termos o gozo reprimido, o temos como um imperativo, que nos obriga de forma irredutível a querer sempre mais, seja do mercado, seja de nós mesmos. É o representante psíquico da velha expressão: “a grama do vizinho é sempre mais verde” onde essa insatisfação e sofrimento são premissas necessárias nessa lógica de mercado. A consequência disso segundo Safatle, seria a postura cínica como posição subjetiva diante desse imperativo que obriga a gozar, em que o sujeito sustenta essas identificações colocadas na sociedade ao mesmo tempo que nega aquilo que se vincula, mantendo simplesmente a aparência dos fatos no universo social em que existe (Safatle, 2008).

Outro modo de articulação entre psicanálise e política é como faz a psicanalista Maria Rita Kehl no seu trabalho *O Tempo e o Cão* (2010). Nessa obra, Kehl se embasando em Lacan e outros autores de diversos campos, tenta resgatar a depressão do domínio exclusivo da psiquiatria que a enxerga como doença fisiológica e a trata como tal - fato que vem ocorrendo nas últimas décadas.

A autora também argumenta que a depressão deve ser encarada como doença social, já que como há tempos exposto pela psicanálise, os sintomas e estruturas clínicas dos pacientes expõe uma lógica social problemática que repercute no sujeito. Um dos argumentos que aparece no texto é a questão de como a urgência dos tempos atualmente podem estar contribuindo para o aumento de diagnósticos de depressão na atualidade (Kehl, 2010).

Diferentemente de Vladimir Safatle que pensa na construção de uma teoria social e tem a psicanálise apenas como uma das ferramentas, Kehl parte da clínica em primeiro lugar, tomando conceitos da metapsicologia psicanalítica e aplicando no campo da política, quando por exemplo, lê a depressão como uma doença social (Kehl, 2010).

É tendo esse referencial de em primeiro lugar partir da clínica ou dos conceitos psicanalíticos que essa dissertação se situa, quando partimos das categorias de narcisismo, identificação e agressividade para pensarmos os fenômenos políticos no Brasil no período estudado.

3.2. A “imaginarização” na via política e suas consequências

Até o momento, foram expostos alguns pontos do contexto político brasileiro e mundial, no que diz respeito a conjectura política e coordenadas simbólicas que afetam nossos modos de subjetivação, como o modo de produção capitalista neoliberal.

Também foi exposto alguns conceitos chave da psicanálise que se relacionam a identificação e a agressividade nas relações sociais como nos textos “sociológicos” de Freud e nos trabalhos de Lacan que lidam com o registro psíquico do imaginário.

Propomos agora, uma articulação entre alguns desses conceitos e alguns fenômenos privilegiados dentro do atual momento político brasileiro.

Dentre todo o conturbado cenário político da sociedade brasileira pós manifestações de 2013, alguns fenômenos merecem atenção especial. Em 2014, ano eleitoral, os candidatos ganharam contornos heroicos em suas campanhas.

Por um lado, Aécio Neves era tido como mais um dos salvadores da pátria brasileira, alternativa ao governo petista herdeiro da era Lula. Do outro, Dilma Roussef, chamada de “Dilmãe” por seus eleitores, tentava a reeleição em meio ao desgaste do governo pelos escândalos de corrupção. Tal embate político protagonizou uma das disputas eleitorais mais acirradas da jovem democracia brasileira, sendo Dilma Roussef a vencedora e presidente reeleita.

Anos mais tarde, após o *impeachment* de Dilma, Lula volta ao centro do debate como possível candidato e lidera as intenções de voto, e o candidato mais próximo do ex-presidente na corrida eleitoral é um deputado federal pelo Rio de Janeiro, o conservador Jair Bolsonaro.

As redes sociais, assim como no ano de 2014, já efervescem com o debate de seus eleitores e cada vez mais fica evidente o foco na imagem dos candidatos e sua consequente mitificação. Basta olharmos os perfis no *Facebook* de ambos políticos, que contam com milhões de seguidores, para depararmos com o caráter messiânico das fotos de Lula²⁷ e os comentários de apoio e engrandecimento de seus seguidores. Bem como podemos ver fenômeno similar na página de Jair Bolsonaro²⁸ e as diversas menções ao “Bolsomito”, palavra criada pelos seus seguidores num chiste do sobrenome do candidato com a junção da palavra “mito”.

²⁷ <https://www.facebook.com/Lula/> Consultada no dia 18 de junho de 2018

²⁸ <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/> Consultada no dia 18 de junho de 2018

Do mesmo modo, é possível visualizar a agressividade a qual ambos estão sujeitos por parte dos grupos opostos. Tal como as manifestações de apoio e engrandecimento, também é possível observar a animosidade que circula nas redes sociais quando se trata de política. Não só a política relacionada ao cenário eleitoral de políticos e candidatos, mas também em relação a diferenças de opiniões que circulam nesses debates entre a “direita” e “esquerda” como as questões da inclusão e igualdade de direitos entre homens e mulheres ou políticas de bem-estar social como o Bolsa Família²⁹.

A política passa então a ser pensada como a disputa de dois campos, dois lados opostos que se atacam e buscam subjugar o outro nos vários territórios de conflito, seja nos resultados das eleições, na internet ou nas ruas. Essa dualidade, nos remete a própria dualidade da constituição do eu, como foi exposto no primeiro capítulo desse trabalho, onde vimos que quando o eu surge, a sua relação de identificação com o outro é sempre atravessada pelo investimento libidinal naquele objeto ou pelo desejo de destruição do mesmo (Lacan, 1948).

Dentro desse registro imaginário, a relação do eu com o outro é sempre marcada pela paranoia individual, onde o outro pode ser tomado como igual, ou rival (Lacan, 1949). Inclusive, o próprio fato de se pensar a política com dois lados, já marca a dimensão imaginária em que são organizados esses conflitos.

E quais poderiam ser os fatores que influenciam nessa inflação do imaginário na política atualmente? Na tentativa de responder tal questão, precisamos olhar em diversos fatores políticos e psíquicos.

O Brasil é um dos muitos países que vive sob o manto do capitalismo neoliberal, que longe de ser apenas uma política econômica ou uma ideologia, se configura mais como uma racionalidade que interfere nos modos de subjetivação dos indivíduos e na configuração da sociedade, como foi exposto anteriormente no segundo capítulo (Dardot & Laval, 2008/2016).

No meio dessa racionalidade, está a ênfase na supervalorização do indivíduo e de sua imagem. É a época do “eu” focado constantemente, do empreendedorismo individual, da valorização da imagem como um produto nas redes sociais, tais como *Instagram* e *Facebook* e de preterir ações coletivas em prol do seu crescimento pessoal profissional: é o momento do “Você S.A.”.

²⁹ “Bolsa Família emerge como agenda de polarização, mostra DAPP Report”: acessado no <http://dapp.fgv.br/bolsa-familia-emerge-como-agenda-de-polarizacao-mostra-dapp-report/>

É um tempo da história em que o narcisismo, o objeto “eu”, é incentivado e favorecido pela contextualização social do capitalismo neoliberal, que faz uso desse substrato para se impor como lógica dominante. Longe de pensar isso como o único fator determinante nas nossas formas de subjetivação na sociedade, mas é com clareza que podemos supor o grande papel que essa racionalidade tem como influência.

Se nos constituímos dentro desse enfoque narcísico, a forma que criamos laços também é atravessada por ele. Ou seja, quando a nossa imagem passa a ter esse lugar central dentro da nossa vida psíquica, as consequências esperadas são que criamos laços primordialmente com aqueles que vemos como igual e temos dificuldade de lidar com as diferenças.

A política, como manifestação direta das nossas relações, se torna excessivamente narcísica e deixa de ser um campo de possibilidade de discussão ou de debate de pautas importantes para a sociedade e passa a ser um território de identificações e apaixonamentos, onde você vota naquele candidato que você vê como igual e é hostil com aqueles que vê como diferente. Portanto, a imaginarização da política vem como uma das consequências diretas dessa subjetividade neoliberal, que tem como essência a individualização e a relação entre “iguais” como forma de laço hegemônico.

Dentro do escopo desse registro imaginário inflacionado, dois conceitos ou noções psicanalíticas são privilegiados: a identificação e a agressividade. Comentaremos primeiro sobre a identificação.

Retomando alguns dos textos apresentados no primeiro capítulo, vemos como a identificação é um processo fundamental que ocorre em diversos momentos nas relações humanas. Desde a passagem pelo narcisismo, no complexo de Édipo, na constituição do Eu (Freud, 1914/2010) até nas relações sociais como nas formações de grupos (Freud, 1922/2011), a identificação se faz presente.

Ela se fez presente, também, dentro da nossa pesquisa em questões importantes. Como apontado por Freud no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1922/2011), a identificação dentro da formação grupal atua em duas frentes distintas, porém complementares. A primeira delas diz respeito a identificação com a figura de um líder, de uma ideia ou instituição. Essa relação fica evidente no cenário político brasileiro com o engajamento massivo empregado nas figuras políticas com mais relevância no país. Sejam nas páginas online desses políticos que, como citado anteriormente, contam com milhões de seguidores, sejam nas ruas em manifestações, atos e caravanas, a imagem de Lula e Bolsonaro são cultuadas e seguidas como os profetas bíblicos de outrora.

Não apenas isso, toda essa libido investida nessas figuras provocam a inflação narcísica das suas imagens (Freud, 1914/2010). Pois bem, se por um lado temos um político que se acha o defensor da “moral” e dos “bons costumes”, justiceiro do Estado cristão e o representante de Deus, à exemplo de como estivesse numa missão divina³⁰ que ainda tem como slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” como tema de sua campanha, pelo outro temos uma figura política que já se considera transcendendo as limitações da carne³¹.

Além disso, a segunda frente pela qual a identificação atua, é a ligação que os membros de um grupo têm entre si por meio de investimentos libidinais que circulam e fomentam a formação de determinado grupo, ou seja, é por meio de afeto entre os próprios membros que o grupo se mantém agregado em torno de um objetivo (Freud, 1922/2011). É com essa dinâmica que se torna possível que grupos consigam se mobilizar em manifestações e atos diversos em torno de uma mesma ideia ou figura política.

Esse processo de identificação age de forma que os integrantes de um mesmo grupo se reconhecem à imagem uns dos outros perante aquele ideal ou líder (Freud, 1922/2011). No caso dessa pesquisa, o antagonismo retratado entre os grupos parece estar enraizado na identificação daquele ideal da velha dicotomia do século XX que sempre se reinventa e volta as discussões, a direita e a esquerda. Importante notar que, como uma das particularidades da política brasileira, essa dualidade é muitas vezes lida como “conservadores” e “progressistas”.

Desse modo, se tratando de política, essa imagem produto, atravessada pelo individualismo do neoliberalismo, só se conecta com versões de si mesmo perante esse ideal coletivo centrado em uma mesma imagem. Ou seja, mais do que indivíduos se relacionando libidinalmente com a alteridade, temos é o laço que gira primordialmente em torno do semelhante.

E quais seriam as consequências dessa dificuldade de lidar com a alteridade? Como exposto por Lacan, não se pode pensar em identificação sem agressividade, a segunda noção privilegiada dentro do registro imaginário (1949b). Àqueles em que o indivíduo ou o grupo não se identificam, ou ainda, que parecem opostos aos seus ideais, é demonstrado

³⁰ “Jair Bolsonaro afirma a evangélicos que está em missão divina” Acessado no dia 18/06/2018 em: <https://www.paulopes.com.br/2018/04/bolsonaro-afirma-a-evangelicos-que-esta-em-missao-divina.html#.WypG5pBKhpY>

³¹ - “Lula: ‘Eu não sou um ser humano, sou uma ideia. E não adianta tentar acabar com as ideias.’” Acessado no dia 18/06/2018 https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/08/politica/1523145272_467301.html
- O exemplo citado se refere ao ano de 2018, mas como representa uma consequência direta de todo o processo político brasileiro, optamos por inclui-lo na dissertação

nada mais do que a intolerância, manifesta de forma agressiva nas diversas áreas de disputa³² como na internet³³ e nas ruas³⁴.

Essa agressividade denota a mentalidade presente da abolição das diferenças e ilustra a forma que os afetos circulam dentro a sociedade. A relação dual e imaginária do “somos nós, contra eles”, dá margem para que a segregação entre os grupos fique cada vez maior e o terreno da política se extreme cada vez mais, mostrando que é sempre menos sobre a questão de discussões e argumentação e mais sobre imagem e identificação: a inflação do imaginário e a deflação da palavra como mediadora de conflitos na cultura.

Dentro do desejo de destruição do outro, um indivíduo ou grupo provoca um processo de despersonalização do outro que é encarado como objeto a ser destruído. A noção de que possam ser adversários em uma competição política e não inimigos parece difícil de ser alcançada. Freud, inclusive, já nos alertava no texto *O Mal-estar na Civilização* (1930/2010) que as pulsões movidas por paixões, como essa de identificação excessiva com um líder ou ideal, são mais fortes do que as pulsões movidas pela razão. E quanto mais forte a paixão, mais forte é a identificação e mais agressiva é a reação contra quem tenta se opor a isso.

Podemos citar alguns exemplos a mais que ocorreram nesse ano de 2018 como alguns dos desdobramentos do que vem ocorrendo no Brasil nos últimos cinco anos e que ajudam a ilustrar mais essa questão da agressividade.

Um empresário de 57 anos, de ideologia contrária ao partido dos trabalhadores (PT) sofreu agressões e acabou desacordado ao ofender alguns políticos desse partido em frente ao Instituto Lula em abril desse ano enquanto estava numa manifestação. A agressão foi tão violenta que ele precisou ser submetido a uma cirurgia para a retirada de coágulos na cabeça.³⁵

³² Os exemplos são vastos, optamos por disponibilizar apenas alguns deles como forma de manter a caracterização da pesquisa dentro de um modelo acadêmico e não jornalístico.

³³ “Crimes de ódio em redes sociais disparam durante período eleitoral.”. Notícia do ano de 2014. Acessada no dia 10/06/2018 em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1530211-crimes-de-odio-em-redes-sociais-disparam-no-periodo-eleitoral.shtml>

³⁴ “Grupos anti e pró Lula brigam na casa do ex-presidente e em aeroporto de SP.”Notícia do ano de 2016. Acessada no dia 12/05/2018 em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/manifestantes-anti-e-pro-lula-brigam-em-frente-casa-do-ex-presidente.html>;

“Manifestantes pró e contra Bolsonaro trocam socos e pontapés”. Notícia do ano de 2017. Acessada no dia 05/05/2018 em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/09/15/interna_politica,900901/manifestantes-pro-e-contra-bolsonaro-trocam-socos-e-chutes.shtml

³⁵ “Polícia civil encerra inquérito de empresário agredido em frente ao Instituto Lula” Acessado no dia 15/06/2018 em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/21/interna_politica,953273/policia-civil-encerra-inquerito-de-agredido-em-frente-a-instituto-lula.shtml

Outro exemplo que demonstra a agressividade dentro da intolerância política de forma circulante pelo país foram os tiros sofridos pela caravana do ex-presidente Lula quando passavam pelo sul do país, no estado do Paraná no percurso entre Quedas do Iguaçu e Laranjeiras do Sul. Dois dos três veículos tomaram três tiros no total, porém ninguém ficou ferido.³⁶

Esses últimos exemplos foram escolhidos para comentarmos sobre a questão da agressividade devido ao nível de gravidade dessas ações. Também é possível observarmos como essa hostilidade é provocada pelos dois lados, evidenciando uma dinâmica grupal semelhante entre dois lados que se enxergam de formas opostas tão diferentes entre si.

A intensidade da identificação em que esses grupos são formados demonstra o grande papel que o imaginário ocupa nas formas de relação nos últimos anos. Do mesmo modo, a linguagem (ou a cultura, como exposto por Freud no texto sobre o Mal-estar em 1930/2010) parece se encolher diante de tanta força e encontra dificuldade em fazer seu papel mediador tanto entre a formação de laço dos indivíduos quanto na mediação entre as pulsões e a lei.

Desse modo, podemos finalizar concluindo que de acordo com o que pudemos ver no trabalho de pesquisa, articulando entre conceitos da metapsicologia psicanalítica e esse novo modo de produção em que o mundo ocidental está sujeito, a imaginarização da política parece ser um produto das consequências da individualização advinda do modo de subjetivação neoliberal, em conjunto com os modos de constituição do eu e do laço entre os indivíduos.

Longe de se pensar nessa problemática como um resultado pronto, esse território é vasto e possui diversas escolas e metodologias diferentes como possibilidade. Essa dissertação representa apenas uma das possíveis articulações e a possibilidade de pesquisa futuras dentro desse enfoque se apresenta como um caminho a ser percorrido.

³⁶ “Ônibus da caravana de Lula no Paraná são atingidos por tiros”. Acessado no dia 15/05/2018 em <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/onibus-da-caravana-de-lula-sao-atingidos-por-tiros-no-oeste-do-parana-diz-assessoria.ghtml>

Considerações Finais

A questão de pesquisa dessa dissertação se mantém bem atual. Foi uma tarefa complexa fazer o recorte desse objeto dentro do período planejado, pois muitos eventos retratando a agressividade nos fenômenos de intolerância continuaram e continuam a ocorrer nesse ano eleitoral de 2018. Afinal de contas, escrever uma dissertação de mestrado é desafiador por si só, mas escrever sobre algo que continua acontecendo e que engloba a todos nós, é uma história diferente.

É imperativo entender como precisamos pensar cada vez mais no indivíduo como alguém que está bem no meio da relação de seu eu com as coordenadas simbólicas dadas pela cultura. E como produto dessa relação, temos repercussões importantes como o aparecimento de sintomas e de outras consequências no meio social, como foi possível demonstrar no percurso até aqui. Também foi possível ver a relevância do tema e as variadas possibilidades de articulações que existem nesse território de interseção entre psicanálise e antropologia cultural.

Alguns pontos da redação dessa dissertação precisam ser esclarecidos e comentados, como a escolha dos recortes teóricos e alguns conceitos. Em primeiro lugar, observamos que trabalhando no decorrer de todos os capítulos da dissertação com a noção de identificação e imagem, o recorte visto como o mais adequado foi abordar textos lacanianos onde o que está em jogo é justamente uma inflação do registro imaginário.

Também é importante ressaltar que dentro dos parâmetros de uma dissertação de mestrado, se tornaria impossível aprofundar de forma satisfatória em outros registros lacanianos para maiores articulações, já tendo como base os seis grandes textos freudianos e outros autores referência trabalhados nessa dissertação.

O lugar que o conceito de eu tanto em Freud quanto em Lacan ocupa nessa dissertação é fundamental. Se para ambos autores o eu se forma a partir de um processo de constituição, sendo pela passagem do narcisismo em Freud e pelo estágio do espelho em Lacan, as implicações decorrentes desse processo não são necessariamente as mesmas.

Em Freud, o eu aparece como a sede dos meios de defesa do indivíduo, dentro de uma dualidade que tenta conciliar a sua imagem e a sua proteção diante do que vem de fora por meio da articulação de afetos e do contato social. Quando o eu se sente ameaçado pelo diferente, ele reage de forma agressiva em nome de sua defesa, grande parte dos seus investimentos libidinais (Freud, 1914/2010).

Em Lacan, o eu aparece como uma imagem permeada necessariamente pelo viés da alienação. Durante a sua constituição no estágio do espelho, aquilo que se torna a própria imagem do eu lhe é dada invariavelmente pelo universo da alteridade. A identificação com a imagem do outro serve como instrumento alienador, já que aquilo que se vê, reflete essencialmente apenas uma faceta daquilo que é identificado por esse olhar atravessado pela dualidade imaginária (Lacan 1949/1998).

Portanto, o papel do eu dentro dessas relações de identificação e a agressividade exteriorizada àquilo que é tido como diferente se torna evidente e torna possível concluirmos o seguinte sobre nossa questão de pesquisa:

Nossa principal hipótese de trabalho é a referência ao fato de que o neoliberalismo, sendo mais do que uma simples política econômica, é uma verdadeira forma de racionalidade que traz consigo a hipertrofia do eu e conduz, necessariamente, a um desinvestimento na dimensão da palavra como principal mediadora dos laços sociais. Como consequência, no que se refere à estruturação de tais laços, a pouca mediação por meio da palavra, como forma de intermediar e sustentar as diferenças, abre caminho para que a identificação seja a principal amarração entre indivíduos e, como consequência, deflagre tantos fenômenos de agressividade e intolerância no Brasil atual. Assim, mais do que indivíduos em contato com a alteridade, temos laços que se estruturam em torno do semelhante como igual e rival, e que são agravados pelas consequências da individualização advinda da subjetividade neoliberal, principalmente na imaginação da política.

Podemos, no entanto, refletir essa inflação do imaginário na política como apenas uma das muitas consequências que esse modelo de produção acaba provocando na nossa vida em sociedade. As novas formas de sofrimento, que são sempre geridas como força produtiva em decorrência do capitalismo neoliberal por exemplo, são uma dessas consequências que afetam nossa qualidade de vida constantemente.

O indivíduo é compelido a fazer uso desse sofrimento de forma que isso possa lhe dar retorno dentro da cadeia econômica produtiva: exige-se todo seu esforço e cansaço até o limite máximo legal de sua jornada e muitas vezes, além disso. Cobra-se em demasia pelo engajamento nos projetos empresariais nesse ideário neoliberal, em detrimento da saúde física e mental dos empregados. Ou seja, só é “recompensado” pelo sistema aquele que se sacrifica por ele, evidenciando assim uma lógica que atravessa todos os setores da sociedade, seja no trabalho, na cultura, na educação, na saúde ou em qualquer outro setor que acaba sendo englobado por essa lógica da produção.

Além disso, uma outra consequência desse modo de produção que podemos comentar brevemente, é o sofrimento psíquico que não se sujeita à essa norma neoliberal e se torna mercadoria, objeto a ser apreendido pela lógica econômica e perde seu espaço único e mobilizador de reflexão e mudança na vida dos indivíduos sendo então, passível de soluções e explicações rápidas e certeiras: raízes biológicas implicam em saídas fisiológicas, isto é, a medicalização.

Em outras palavras, o sofrimento psíquico que antes poderia servir como força motriz para mudanças no decorrer da vida de cada um, é agora categorizado em transtornos com raízes biológicas que possuem formas de tratamento baseados em sua maioria, na medicalização, o que ajuda a alimentar e gerar mais renda para a bilionária indústria farmacêutica mundial. Como resultado, sofrer deixa de ter lugar dentro da narrativa pessoal de cada um e se torna apenas mais uma forma de laço social entre dopados e não dopados, onde a identificação passa pelo significante do “transtorno” que lhe foi dado pela medicina biológica.

Diante da perspectiva de novas pesquisa, falamos das possibilidades que existem para além do valor político das identificações imaginárias naquilo que é nomeado na obra lacaniana como sujeito, como um horizonte a ser explorado dentro da problemática dessa agressividade na política. Seriam preciso novos estudos dentro dessa questão da inflação imaginária e da deflação simbólica no social para tentar elucidar mais alguns pontos dessa questão complexa que tem um papel relevante nesse momento atual do Brasil.

Referências

Brasil. (2014) Comissão Nacional da Verdade. Brasília: CNV.

Carneiro, H. S. (2012) Rebeliões e Ocupações de 2011. In *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo

Céli, R.J. P. 2017 A Trajetória Discursiva Das Manifestações De Rua No Brasil (2013-2015) *Lua Nova*, São Paulo, 100: 119-153, 2017

Cerqueira, D. (2017) Atlas da Violência. Fórum Brasileira de Segurança Pública e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2017.

Coppus, A. N. S. (2010). O corpo nas neuroses: inibição, sintoma e angústia. Tese de doutorado. UFRJ/IP. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Debord, Guy. (2003) A Sociedade do Espetáculo. Versão para e-books (Trabalho original publicado em 1967)

Dunker, C. I. L. (2015a). Mal-Estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre Muros. São Paulo: Boitempo.

Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18(2), 49-62. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652006000200005>.

Freud, S. (1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, v. 2. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). Por que a guerra? (Einstein e Freud). In S. Freud. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

Freud, S. (2010) Introdução ao Narcisismo. In S. Freud. *Obras completas*. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2010) Os Instintos e seus destinos. In S. Freud. *Obras completas*. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Obras completas*. Vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920).

Freud, S. (2010) O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930).

Freud, S. (2010). Por que a guerra? In S. Freud. *Obras completas*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada 1933).

Freud, S. (2011) *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. In S. Freud. *Obras Completas*. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1922).

Freud, S. (2012) *Totem e tabu*. In S. Freud. *Obras completas* Vol.11. São Paulo: Companhia das Letras (Obra original publicada em 1912)

Gohn, M. G. M. (2016) *Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013* *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146

Guillot, E. (2014). *Da agressividade à pulsão de morte*. Almanaque on-line, ano 8 - nº 14. Belo Horizonte.

Kaplan-Solms, K., Solms, M. (2005) *Estudios Clínicos en Neuro Psicoanálisis: Introducción a la Neuropsicología Profunda*. Fondo de Cultura Economica USA

Kehl, M. R. (2010) *O Tempo e o Cão*. São Paulo: Boitempo

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1995). *Seminário 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-57).

Lacan, J. (1998). *A agressividade na psicanálise*. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1948).

Lacan, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1949).

Lacan, J. (1998). *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1950).

Laplanche, J., Pontalis, J-B. (1992). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Laureano, P. S.; Chavez (2014) *Elevar a Coisa à dignidade dos objetos: a política de Lacan entre a proibição e o impossível*. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 46.2, p. 330-350

Laval, C., Dardot, P. (2016) *A Nova Razão Do Mundo: Ensaio Sobre A Sociedade Neoliberal*. São Paulo: Boitempo

Leopoldi, J. S. (2009) *Sociedade e Modernidade: A celebração do indivíduo e minimização do sujeito*. *Alceu* - v. 10 - n.19 - p. 192 a 204

Secco, L. (2013) *As Jornadas de junho*. in *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo

Mandelbaum, B. Rubin, A. & Frosh, S. (2018) *'He didn't even know there was a dictatorship': The complicity of a psychoanalyst with the Brazilian military regime*. Edinburgh University Press. Vol. 20, Issue 1

Monteiro, D. de A. (2002). Guerras: Freud explica?. *Cógito*, 4, 33-39. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792002000100006&lng=pt&tlng=pt.. Data de acesso: 22/03/2017

Moreira, L. E. de V., Bulamah, L. C., & Kupermann, D. (2014). Entre barões e porões: Amílcar Lobo e a psicanálise no Rio de Janeiro durante a ditadura militar. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 3(4), 173-200.

Oliveira, C. L. M. V. de. (2017). Sob o discurso da “neutralidade”: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 24(Supl. 1), 79-90. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702017000400006>

Ota, N. K. (2011) O Social e suas vicissitudes na psicanálise lacaniana. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v 23, n. 1

Roudinesco, E. Plon, M. 1997 Dicionário de psicanálise. São Paulo: Zahar

Safatle, V. (2008). Por uma crítica da economia libidinal. *Psicanálise e Cultura* 16-26

Safatle, V. (2011). Amar uma ideia. In *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo

Sales, L. S. (2005). Posição do estágio do espelho na teoria do imaginário. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17 - nº 1, p. 113-127

Scherer-Warren, I. (2014) *Manifestações De Rua No Brasil 2013: Encontros E Desencontros Na Política*. Caderno CRH, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429

Silva, D. L. da. (2007). Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. *Educar em Revista*, (30), 145-163. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200010>

Waiselfisz, J.J. (2015) *Mapa da Violência 2015*. Rio de Janeiro. FLACSO; Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015_adolescentes.pdf> Acesso em 03/04/ 2018

Zizek, S. (2008/2014) *Violência*. São Paulo: Boitempo

Referências de páginas online

APNews (2016): UK police charge man with murder in Jo Cox slaying. Acessado no dia 26/04/2018 em: <https://apnews.com/a5853006291d49368aa94a6c0eedd9e7/brexit-campaigning-still-halted-uk-mourns-slain-lawmaker>

BBC (2011) *England Riots: Map and timeline*” Acessado no dia 28/04/2018 em <http://www.bbc.co.uk/news/uk-14436499>

Catraca Livre (2013) “Libere seu wi-fi e senha durante as manifestações” Acessado 29/04/2018 em <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/libere-seu-wi-fi-e-senha-durante-as-manifestacoes/>

Dunker, C. I. L. (2015b). A alma revolucionário. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/06/24/a-alma-revolucionaria/>. Data de acesso: 22/10/2016

DW (2011) *Greece bows to European pressure and approves new austerity measures*: Acessado no dia 28/04/2018 em <http://www.dw.com/en/greece-bows-to-european-pressure-and-approves-new-austerity-measures/a-15143877>

El País (2017). O Discurso de ódio que está matando o Brasil. Acessado em 25/04/2018 https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/18/actualidad/1511039404_742600.html

El País (2018) “Lula: ‘Eu não sou um ser humano, sou uma ideia. E não adianta tentar acabar com as ideias.’” Acessado no dia 18/06/2018 https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/08/politica/1523145272_467301.html

Estadão. (2014). Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. Disponível em <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>. Data de acesso: 25/03/2017

Estado de Minas. (2014). *Brasil amarga o preço da intolerância e lidera ranking de violência contra homossexuais*. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contra-homossexuais.shtml. Data de acesso: 17/08/2015.

Estado de Minas (2017) “Manifestantes pró e contra Bolsonaro trocam socos e pontapés”. Acessada no dia 05/05/2018 em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2017/09/15/interna_politica,900901/manifestantes-pro-e-contra-bolsonaro-trocam-socos-e-chutes.shtml

Estado de Minas (2018) “Polícia civil encerra inquérito de empresário agredido em frente ao Instituto Lula” Acessado no dia 15/06/2018 em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/21/interna_politica,953273/policia-civil-encerra-inquerito-de-agredido-em-frente-a-instituto-lula.shtml

Facebook (2018) Página oficial do Lula. <https://www.facebook.com/Lula/> Acessada no dia 18 de junho de 2018

Facebook (2018) Página oficial do Bolsonaro. <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/> Acessada no dia 18 de junho de 2018

FGV- DAPP (2018) Bolsa Família emerge como agenda de polarização, mostra DAPP Report. Acessado no dia 19/06/2018 em <http://dapp.fgv.br/bolsa-familia-emerge-como-agenda-de-polarizacao-mostra-dapp-report/>

G1 (2016) Grupos anti e pró Lula brigam na casa do ex-presidente e em aeroporto de SP.” Acessada no dia 12/05/2018 em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/manifestantes-anti-e-pro-lula-brigam-em-frente-casa-do-ex-presidente.html>;

G1 (2018) “Ônibus da caravana de Lula no Paraná são atingidos por tiros”. Acessado no dia 15/05/2018 em <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/onibus-da-caravana-de-lula-sao-atingidos-por-tiros-no-oeste-do-parana-diz-assessoria.ghtml>

G1 (2018) Lula tem 31%, Bolsonaro 15%, Marina 10% aponta pesquisa Datafolha para 2018. Acessado no dia 16/04/2018 em <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-31-bolsonaro-15-marina-10-aponta-pesquisa-datafolha-para-2018.ghtml>

Isto é (2018) França freia extrema direita, mas suas ideias prosperam. Acessado no dia 29/04/2018 em <https://istoe.com.br/franca-freia-a-extrema-direita-mas-suas-ideias-prosperam/>

Jornal da USP (2016) O perfil da intolerância ideológica no Brasil. Acessado no dia 15/05/2018 em: <http://jornal.usp.br/atualidades/o-perfil-da-intolerancia-ideologica-no-brasil/>

New York Times (2018) *In Britain, austerity is changing everthing.*” Acessado no dia 28/04/2018 em: <https://www.nytimes.com/2018/05/28/world/europe/uk-austerity-poverty.html>

O Globo. (2016). Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa <http://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017>

Paulo Lopes Jornalista (2018) “Jair Bolsonaro afirma a evangélicos que está em missão divina” Acessado no dia 18/06/2018 em: <https://www.paulopes.com.br/2018/04/bolsonaro-afirma-a-evangelicos-que-esta-em-missao-divina.html#.WypG5pBKhpY>

Safatle, V. (2015). Pensamento Binário. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/545099-pensamento-binario>>. Data de acesso: 11/08/2016

Senado Notícias (2016) Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no congresso e no Brasil. Acessado em 15/04/2018 em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>

Terra (2009): EUA: principais medidas adotadas nos últimos meses para salvar o sistema bancário. Acessado no dia 28/04/2018 em: <https://www.terra.com.br/noticias/eua-principais-medidas-adotadas-nos-ultimos-meses-para-salvar-o-sistema-bancario,a02ae9f6e80ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

TSE (2014) Parceria para divulgação de resultados Eleições 2014. Acessado no dia 29/04/2018 em <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-2014/votacao-e-resultados/parceria-divulgacao-resultados-2014>

UNAOC (2011) *Yes Mubarak is gone but now what?* Acessado no dia 26/04/2018 em: <https://www.unaoc.org/2011/11/yes-mubarak-is-gone-but-now-what/>

UOL/Folha de São Paulo. (2014). Crimes de ódio em redes sociais dispararam durante período eleitoral. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1530211-crimes-de-odio-em-redes-sociais-disparam-no-periodo-eleitoral.shtml>>. Data de acesso: 13/08/2015.

UOL (2015) Protestos contra governo e corrupção reúnem 2 milhões pelo Brasil, dizem PMs. Acessado no dia 25/04/2018 em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/protestos-contr-governo-e-corrupcao-reunem-mais-de-2-milhoes-pelo-brasil-dizem-pms.htm>

UOL (2017) ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente. Acessado no dia 16/04/2018 em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/25/brasil-tem-recorde-de-lgbts-mortos-em-2017-ainda-doi-diz-parente.htm>

Zizek, S. (2015a). *Violência policial e violência divina*. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/08/07/zizek-violencia-policial-e-violencia-divina/>>. Data de acesso: 14/10/2016.

Zizek, S. (2015b). *Pensar o atentado ao Charlie Hebdo*. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/zizek-pensar-o-atentado-ao-charlie-hebdo/>>. Data de acesso: 15/11/2016.